



WUNSCH

Número 9, maio de 2010

Boletim internacional da
Escola de Psicanálise dos Fóruns do Campo lacaniano

Editorial

O nono número de *Wunsch* reúne os trabalhos de uma jornada organizada em Toulouse pela iniciativa do pólo do Gaio saber em Midi toulousiano e alguns outros. A jornada foi assim apresentada:

Experiências de passe

“Acumulação da experiência, seriação de sua variedade”¹. Esta “jornada interpólos” da EPFCL-França é pertinente se fazer... a experiência.

As referências teóricas são hoje conhecidas, o que não impede de forma alguma retornarmos a elas; os textos de J. Lacan concernentes ao dispositivo não se esgotam ao serem retomados.

Por outro lado, a experiência do passe em nossa Escola foi colocada em funcionamento há sete anos, e sem dúvida ela pode nos ensinar. É mesmo um dos ganhos dessa jornada: elaborar um saber sobre a experiência atual.

Mas é também apostar na eventualidade de um encontro: a partir das distintas portas de entrada no dispositivo, reunir a diversidade da experiência: o título de passante, passador, membro de um cartel do passe, AE e AME de uma Escola.

Consideramos este encontro possível elaborando o programa no qual não participasse menos que cinco pólos: pólo Aude-Roussillon (4); pólo do Gaio saber em Midi toulousiano (6), pólo Tarn-Aveyron-Lot (5); pólo dos países de Gaves e de l'Adour (8), pólo região Bordeaux (7), assim como analistas convidados da França e da Espanha.

¹ J. Lacan, “Proposição de 9 de outubro de 1967 sobre o psicanalista da Escola”, Outros escritos, Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, p.261.

Tratou-se, a partir de exposições curtas (10 minutos), de trocar, e no final da jornada, de tentar tomar alguns ensinamentos desses debates, que nós desejamos o mais aberto possível. Desejando que este estilo faça uma nova abertura em nosso campo.

Em outros lugares, continuamos a difundir os trabalhos dos cartéis do passe, desta vez com a contribuição do Cartel 3. Outros virão em seguida.

Jornada interpólos do FCL-França: Experiências do passe

Em dezesseis de janeiro, em Toulouse, no coração do magnífico Museu Abattoirs, aconteceu esta jornada de trocas sobre a experiência do passe, com a presença em torno de duzentas pessoas vindas de cinco pólos organizadores, mas também de todo grande sudoeste, da Normandia, de Paris e também da Espanha. Ao longo de toda jornada, as exposições curtas foram seguidas de longas e proveitosas paragens de debates e discussões animadas, que se prolongaram até os convidados no momento em torno da exposição de Laurence Pastissier, que teve participação nesta jornada.

Encontra-se na ordem as intervenções de:

Bernard Nominé, ex-membro de um cartel do passe (pólo 8)

Sidi Askofaré, membre de um cartel do passe (pólo 6)

Marie-Pierre Vidal, passador (pólo 6)

Élisabeth Léturgie, convidada, AE (2005-2007)

Corinne Philippe, passador (pólo 8)

Clotilde Pascual, convidada, membro de um cartel do passe (Espanha)

Béatrice Guitard, passador (pólo 7)

Patricia Daban, convidada, AE

Claire Montgobert, passador (pólo 6)

Pascale Leray, AE (pólo 6)

Albert Nguyễn, ex-membro de um cartel do passe (pólo 7)

Lydie Grandet, passador (pólo 5)

Béatrice Tropis, passador (pólo 6)

Luis Izçovich, convidado, ex-membro de um cartel do passe.

Bernard NOMINÉ

Introdução à jornada de Toulouse sobre a experiência do passe

Bom dia a todos. Em especial, desejo boas-vindas àqueles que vieram de longe para partilhar este momento de trabalho conosco. Para responder à demanda que Pascale Leray me fez, vou então introduzir esta jornada insistindo sobre um ponto que está presente no título que nos reúne: a noção da experiência.

O passe é uma experiência, qualquer que seja o lugar que se ocupe nesse dispositivo: passante, membro de um cartel do passe, passador; para todos é uma experiência. Isso implica que o trajeto não esteja balizado. Porque se se tem uma ideia prévia do resultado, não há experiência. Só há decepção, na medida em que não se encontrará aquilo que se esperava. No que concerne à experiência do passe, a decepção está programada quando se espera encontrar aquilo que o saber não pode cernir. É este o sentido da intervenção que Colette Soler fez em Buenos Aires, no verão passado. Ela operou uma mudança de perspectiva ao interrogar não tanto a insuficiência do testemunho do passante ou aquela dos passadores, mas sim a ótica do cartel. Não se trataria de procurar o não encontrável, porque, disse ela, “procurar o não encontrável programa a decepção, o sentimento de fracasso e às vezes o mutismo aflito”.

É preciso dizer que se vocês estiverem de orelha em pé e escutarem o que se diz nos corredores, vocês terão observado a reserva e até mesmo o “mutismo aflito” daqueles que tiveram a experiência de um cartel do passe. Exceto nos casos em que o cartel pôde orientar-se na estrutura do testemunho que lhe foi proposto, e que pôde fazer seu trabalho, quer dizer, nomear um analista da Escola. Aí é só satisfação e até entusiasmo.

O que é este saber não encontrável que se procuraria ainda para além do que se pode atingir pela palavra? Lacan evoca a esse respeito “um saber vã sobre este ser que se desnuda”. O ser que se desnuda é o objeto *a*. É o operador lógico que deveria poder se depreender do coração do testemunho. Mas esse objeto não pode, em nenhum caso, apresentar-se explicitamente no testemunho. O objeto que se apresenta não é nunca aquele, o objeto que se apresenta só pode ser um objeto posição. Alguns entre nós se recordam das grandes encenações do tempo da AMP em que se nos exibia uma coleção de analistas da Escola, cada um se apresentando sob a espécie do objeto ao qual ele supunha haver se reunido no final de seu tratamento. A multidão subjugada exultava, talvez sonhando em seu foro íntimo reunir-se um dia a este panteón da psicanálise, arriscando-se a se apresentar como a *palea* mais nauseabunda.

Não há nenhuma razão para se demandar ao passante de se apresentar como objeto *a*, ele não pode fazê-lo, o objeto que ele apresentará sempre será apenas um objeto posição. Não há razão tampouco de pedir ao AE nomeado para provar que ele alcançou isso. Pelo contrário, é o trabalho do cartel depreender, se puder, a lógica do tratamento.

Hoje se renunciou a esta ideia de encontrar o objeto propriamente designável, a falsificação tornou-se muito evidente. Mas o não encontrável foi se alojar em outro lugar. Desejar-se-ia que o passante se designasse como reduzido à letra de seu sintoma: totalmente impossível, também. Aí ainda é o cartel que deve saber se orientar a esse respeito.

O problema que se tem com o passe é que é muito difícil, ou até impossível, de falar corretamente sobre ele. O cartel não pode desvelar os testemunhos que ele recolhe. Desejar-se-ia que ele se abrisse sobre isso, mas, no fundo, tudo é dito na nomeação, quando ela se dá. Então, será que ele não teria apenas um papel de seleção? Também não é assim. É antes como a observação que fez Lacan na segunda versão de sua proposição, quando ele diz que “o júri funcionando não pode se abster de um trabalho de doutrina, para além de seu funcionamento de seleção”. É bom dizer que, no que diz respeito à doutrina, nós temos feito muito pouco. Em diversas ocasiões, tive vontade de me encontrar com outros membros de cartéis do passe para ver se podíamos confrontar nossas experiências. Houve algumas tentativas, mas que não foram muito longe. Penso que é, sem dúvida, nessa direção que deveríamos concentrar nossos esforços.

Enfim, desejaria sublinhar um último ponto. Relendo o conjunto das referências de Lacan que possuímos sobre essa questão do passe, fui tocado pelo fato de que ele sempre apresenta o passe como sua proposta (proposição); é então uma oferta de Lacan, mas, por outro lado, ele evoca em vários momentos os passantes como *aqueles que se oferecem a esta experiência*.

Bem, há aí alguma coisa que me incomoda. Porque se oferecer a esta experiência para responder às solicitações da Escola ou, dito de outro modo, a um concentrado do grande Outro, tem ares de sacrifício ao qual valeria mais a pena não encorajar muito os candidatos — os *cândidos a*,² como disse Lacan certa vez. É por isso que prefiro que se localize em se oferecer a si próprio esta experiência, mais do que em se oferecer *a* esta experiência. É curioso como este pequeno *a* muda tudo. Dito de outra maneira, não estou seguro de que seja preciso encorajar os candidatos a se oferecerem como *a* esta experiência. Basta que aqueles que o desejam possam se servir desta experiência que a Escola lhes oferece. Em troca, eles poderão contribuir para que a comunidade da Escola saiba um pouco mais sobre esta experiência.

Toulouse, janeiro de 2010.

Tradução: Maria Anita Carneiro Ribeiro

² Em francês, *candidats* (candidatos) e *candidates a* (cândidos a) são homófonos.

Sidi ASKOFARÉ

Política do passe: a responsabilidade do cartel

Com o cartel e a Escola, o passe constitui, sem dúvida, uma das invenções institucionais mais importantes de Lacan. Sabemos hoje o que se encontrou no princípio dessa invenção e as expectativas que entusiasmaram Lacan e seu meio. Sabemos também às quais oposições e às quais resistências se apoiaram sua introdução e sua colocação em prática na Escola que Lacan fundou e dirigiu: a EFP. Sabemos, enfim, os desvios e as utilizações que seu significante e sua prática foram objeto. Inútil fazer aqui a cronologia ou a história.

Partirei então (preferencialmente) de uma outra reflexão: enquanto o passe toca a verdade do sujeito (passante) — ao que consente um *historisterizado* no procedimento — e à política da psicanálise (final de análise, transmissão da psicanálise, formação do analista); não sendo surpresa constatar que se seu significante coletiviza, o passe "real", se posso dizer, divide. Por quê? Fatalidade ou maldição? Ou isso é algo que pode ser analisado — sintoma, então —, e quem poderia tratá-lo?

Ainda assim, o passe dividiu profundamente no passado e temos de ter cuidado para de novo não ser investido pelas paixões narcísicas de poder sobre o grupo, questões contra as quais ele não está imunizado. Donde a única questão que vale para o conjunto (coletivo) de nossa comunidade: qual passe para nossa Escola? E para quais objetivos? Questões às quais não se pode responder, evidentemente, somente a Escola.

Podemos, no entanto, concordar com o fato de que o passe não seria fazer função nem de ideal nem de fetiche. Entretanto, enquanto dispositivo de Escola, ele não pertence a ninguém, e sobretudo menos àqueles que estão encarregados por um tempo a colocá-lo em funcionamento. Enfim, seu bom funcionamento, sua viabilidade e sua sobrevivência dependem de todos os protagonistas e do comprometimento nas diferentes responsabilidades. Responsabilidade da Escola que institui o dispositivo, com certeza, mas também, e sobretudo, responsabilidade dos AME que designam seus passadores — peça-chave no dispositivo —; do secretariado que acolhe e trata as demandas; dos cartéis, pelo trabalho sobre os passe; dos AE, pelo ensino esperado deles durante os três anos de funcionamento. O que quer dizer que, se o passe precisa não de todo mundo, em todo caso precisa de um bocado de gente para funcionar e preencher sua função de dispositivo a serviço da Escola e da psicanálise!

Para hoje, gostaria de centrar minha contribuição em torno do cartel, de sua responsabilidade, das dificuldades e talvez dos paradoxos ligados às suas funções. O cartel, porque é meu ponto de observação privilegiado no dispositivo; e também porque ele é o lugar onde se enoda as três dimensões (eu não disse: critérios) — clínico, epistêmico e político (não mais institucional) — em jogo no passe.

Minha participação em três cartéis (seis passes, uma nomeação) me tornou sensível à questão da responsabilidade dos cartéis. Isto é, com relação as suas tarefas e ao que se espera após o seu funcionamento.

Quais são então suas tarefas?

1. Escutar os passadores;
2. Deliberar;
3. Elaborar as respostas feitas aos passantes;
4. Nomear.

Evidentemente, através desse esquema vemos que as quatro tarefas, ainda que interligadas, são praticamente homogêneas. Aquilo que é comum, no procedimento, são os pontos 1 e 2: escutar os testemunhos dos passadores; deliberar a partir daquilo que cada um entendeu dos dois testemunhos escutados sucessivamente.

O ponto 3, elaboração da resposta a fazer ao passante, só vale — em todo modo, nos cartéis dos quais participei — no caso em que o cartel não procedeu a uma nomeação. Isso no caso — em realidade, mais numerosos — em que o cartel trabalha em torno da questão: o que dizer e como dizer a esse Um, não qualquer um, mas singular, que é o passante cujo passe o cartel não pôde autenticar?

O ponto 4, a nomeação, não implica mais na elaboração de uma resposta propriamente dita, pois se trata justamente de transmitir ao passante o “sim” do cartel. Pelo contrário, quando houver a nomeação que é requisitada ao cartel, não mais o produto esperado de cada cartelisante nos "cartéis de leitura" ou nos "cartéis clínicos", mas uma elaboração ou uma contribuição de saber, e não um saber qualquer: saber sobre o ato analítico e o desejo de analista.

É nesse ponto que se situa a verdadeira responsabilidade do cartel, responsabilidade que é compartilhada de agora em diante, pelo AE que foi nomeado por ele. Reportemos àquilo que se deve chamar a demanda de Lacan — que se deva talvez chamar aqui: "A questão à qual cheguei: quem é capaz de ser um analista? conduzindo um certo número de pessoas a minha volta a me deixar (aquela seguida da colocação da enquete: como qualquer um depois da experiência analítica pode se colocar em posição de ser analista?"³ — reportarei a essa questão, podendo dizer que a responsabilidade do cartel, tal como do AE, é essencialmente epistêmica.

Está minimamente colocado o problema das relações entre a deliberação — em que procede a nomeação definitiva, por definição — e a elaboração de saber, que se situa num a posteriori, em que poderia vir contrariar ou contradizer a decisão do cartel. Segundo, levanta o problema do interesse epistêmico dos passes não autenticados, dos quais sabemos que eles não se dão em todos os casos — falta muito — por ausência de passe.

³ J. Lacan, “Conférences et entretiens dans les Universités Nord-Américaines”, *Scilicet* 6/7, Paris, Seuil, 1976, p.53–4.

Levar a sério essa responsabilidade do cartel poderia talvez levar o passe a sua função verdadeira e reduzir o imaginário tão inibidor de nomeação. Pois, no fundo, o fracasso ou o sucesso do passe para uma Escola não seria apreciar exclusivamente ou mesmo principalmente, nem a partir do número de demandas de passe, nem a partir do número de passes escutados, nem, enfim, a partir do número de AE nomeados. Isso seria, com efeito, reduzir a política ao institucional. A única apreciação válida da experiência da Escola do passe me parece ser aquela que se fará a partir da contribuição real ao saber sobre a passagem a analista, o ato analítico e o desejo do analista, portanto através das elaborações dos cartéis e os ensinamentos dos AE.

Tradução: Alba Abreu

Marie-Pierre VIDAL

“A todo vapor”

Se nos referimos ao uso antigo de designar as notas musicais por letras, podemos dizer que o A do cartaz é o La, que dá o tom desta jornada consagrada às experiências de passes. Este A posto no quadro como um cavalete a espera de seu próprio quadro, este A poderia também abrir o alfabeto daquilo que nos reúne: A como Analista, Analisante, objeto *a*, AE; B como *Bévue*, *Bewusst...*; C como *Che voi?*, Cartel etc.

O termo experiência no nosso discurso está frequentemente associado à comprovação, à prova ou à prova. Eu proponho restituirmos o vigor de origem, quando os gregos, em *peirates*, aproximavam a provação do “perigo”, de se expor ao perigo, literalmente de “arriscar tudo”: *peirates*, o “pirata”!

Por alguma brincadeira da língua, o recorte do significante “*pire - hâte*”⁴ não nos abre para o sentimento oceânico, mas para o pior, com toda a pressa. Com este pirata, com que logicamente nosso cartaz adquire a cor da Abordagem. No entanto, como resposta ao arriscar tudo, ao pirata, pode responder: *saborder* (por a pique).

O que poderia *saborder* o passe? Pode ser o modo de ponderação da comissão de acolhimento, a posição do passador tentado receber o passante como *passiente*, ou ao contrário, o passante que buscaria colocar o passador no lugar de analista, o cartel do passe seguro demais de si... Em suma, as publicações sobre o assunto o atestam: mesmo que se tenha confiança no dispositivo, ele é desempenhado por pessoas.

Logo, muita contingência, contingência que eu gostaria de chamar de concurso de circunstâncias, circunstâncias, por exemplo, da *doxa* que pode preconizar sucessivamente buscar nos testemunhos a travessia da fantasia, a queda das identificações, o objeto que se tem ou se é, o desejo do analista, a mutação subjetiva...

Então, concurso de circunstâncias: o quê concorre para que o gesto se efetue? Eu não hesito em adiantar que são as modalidades de acolhimento. Passado o tempo da decisão do passante se engajar no procedimento, vem o tempo de acolhimento de sua demanda. Estão aí concernidos a comissão de garantia e de acolhimento, o secretariado do passe, os passadores — aceitando ou não a função —, o cartel do passe e a Escola, visto que o passante faz a demanda de passe a uma Escola, seja qual for sua ligação com ela. O acolhimento à função passador, já falei sobre por ocasião de uma intervenção no seminário de AE de Pascale Leray, seminário — aproveito para lembrar — publicado em *L'en-Je lacanien*.

A palavra acolhimento tem a mesma etimologia que *legein*, ler, ou seja, colher, juntar as *grammata*, as letras — pois se o passe é uma prática da fala ele não se dá sem a escrita. O passante pode ter escrito o texto de sua demanda ou de seu testemunho — ele pode também se encontrar na incapacidade de se sustentar na escrita ou se deixar tomar por ela.

⁴ *Pior pressa*, literalmente em português, pois em francês a palavra *pirata* faz homofonia com *pir et hâte*.

Em todos os casos, ele fala. Ele fala de seu tratamento, do trajeto de seus sintomas, do tempo de seu sofrimento, em um dispositivo que não é o do tratamento.

O passador tenta recolher do dizer do passante algo que possa se escrever em um texto transmissível ao cartel do passe. Ele escreve um texto e se proíbe ir além do que é dito, trata-se de um trabalho de transcrição e não de deciframento.

Transcrição não é por isso transliteração, o passador não se faz de o mensageiro de sinais. É exatamente o contrário, nos seus encontros com o passante ele faz a escolha do que escreve, do que nota, ou melhor, do que se denota da presença do inconsciente, e o modo como o passante analisante neste ponto respondeu pelo e no tratamento. Pois se o passador não deve julgar, ele tem, no entanto, discernimento, o que o autoriza a fazer perguntas e buscar precisões. É por isso, eu acredito, que se ouve dizer que determinadas congruências são possíveis no passe e não no tratamento. O passador interroga o dizer lá onde o analista o suspende, o interrompe, o sublinha.

“O passe me permitiu precisar os contornos do que estava embaçado”, dirá a primeira pessoa que recebi. A segunda concluirá seu testemunho assim: “O passe foi um momento decisivo para mim, porque me possibilitou refletir sobre meu desejo e sobre a minha posição de analista”. E logo acrescentou: “O passe é também um exercício perigoso”... perigoso, perigo...

Vocês podem ouvir o pirata, o arriscar tudo nunca está longe, ele pode estar em um bote frágil, não muito longe da costa e nem muito perto, digamos em um local extraterritorial, *éxtimo* se preferirem.

É destes lugares, não faz muito tempo, que os piratas e seus rádios emitiam para terra firme, eles eram chamados de rádio-piratas, suas ondas supostamente difundiam a subversão. Ouviam-se, sobretudo, muitas canções, havia uma, me lembro vagamente, na voz de Jeanne Moreau, com um texto de Elsa Triolet. Dizia o seguinte:

“Eu sou vocês todos que me escutam
Mas uma coisa que eu não sei
Não menos que vocês, mas que me toca
E que me força a me livrar
Vestido de nu, me desvencilhar
Tanto de vocês que de mim mesma”

Esta pequena canção fala de alguma coisa íntima, mas sem familiaridade, que confronta a experiência do passe.

“Eu sou vocês todos que me escutam
Mas uma coisa que eu não sei
Não menos que vocês”

O toque do real está sempre presente na partitura do passante, a ponto que ao reler as notas recebidas de dois testemunhos encontro nelas, intacto, o efeito que me confronta ao silêncio e à solidão. Este toque de real, como torná-lo presente no cartel do passe?

Interrogado sobre o que lhe permitiu decidir o último toque de um quadro, o pintor Bram Van Velde deu esta resposta surpreendente: “O quadro está pronto e eu não sabia”. É um quadro desse tipo que poderíamos colocar no cavalete do “*Affiche*” (cartaz)!

“Estava pronto e eu não sabia”. Eu não sabia o quê que no meu dizer de passador me escapou, mas já estava pronto. Uma vez, no encontro com o cartel do passe, atravessando a porta, o passador se apaga. Passa a contar como ausência.

O que dizer de seu desejo, do desejo do passador?

Ao fim de seu testemunho, um dos dois passantes interrogou-me, de forma bastante pertinente: “Qual o efeito de passe que isso teve sobre você e seu trabalho, o nosso encontro?” Qualquer que seja a resposta dada, o fato da questão ter podido ser feita atesta que o acolhimento feito ao dizer do passante não freou a fala.

É por estas palavras do final que posso medir o quanto o desejo operante permitiu o dispositivo não ser guindado. Realmente é muito gratificante. Agradeço aos passantes que arriscaram todas as suas fichas nesses encontros escritos com uma tinta simpática, numa afinidade não invisível, e sim velada. É outra forma de se evocar a “fraternidade discreta” de que fala Lacan.

E agora, no momento, qual a abordagem do passe?

Eu me dou conta que estou em atividade no dispositivo há dois anos, inicialmente como passador, vocês já ouviram, posteriormente, há poucos meses, como passante. E gostaria de lhes falar da última antes de terminar.

Não sei como isso se enodou, mas, para minha grande surpresa, inscrevi-me em um curso de Espanhol! De onde surgiu este desejo? Mistério.⁵ É certo que, no segundo encontro não pude participar da tradução do que eu dizia junto aos colegas de língua espanhola, contou muito. Aprender a contar é como, a propósito, se começa normalmente o aprendizado de outra língua. Então eu aprendo a cantilena, *uno, dos, tres...*, e volta incessantemente uma voz interior que me sopra o número onze, que eu não estava certa da pronúncia *once, on-ce*, até que se produziu uma desarticulação, “*on-ne-ce*” *on ne sait* (não se sabe).

Logo, vejam a linguagem com suas pérolas sonoras, imediatamente surge a representação escrita em algarismos do número 11, um e um, estes pequenos uns que tanto nos ocupam...

Lembro-me, agora, como um lampejo, da maneira que Stella Baruck⁶ comenta a numeração: na escrita do 11, tem um número que diz a verdade, ele diz Um e um 1 que não diz a verdade, ele diz 10 (dez-um⁷). Saber e verdade não falam a mesma língua, está claro.

Mas a *lalíngua* não tinha acabado de me levar em seus aluviões, pois no momento de redigir este trabalho, escrevi *once* com todas as letras, O, N, C, E.

⁵ “O real, eu diria, é o mistério do corpo falante, é o mistério do Inconsciente.” J. Lacan, *Le Seminaire, Livre XX, Encore*, Paris, Seuil, 1975, p. 118

⁶ S. Baruck, *Comptes pour petits et grands*, Paris, Magnsrd, 1997

⁷ Dez-um, dez-dois, dez-três etc...

Wunsch nº 9

Bingo! Foi a luz: estas letras, não do espanhol para mim, é inglês: *once!* Uma vez!
“*Once upon a time*”: era uma vez.

Era uma vez... o passe!

Eu agradeço a vocês.

Toulouse, 16 de janeiro de 2010

Tradução: Olympio Xavier

Depois do passe

O dispositivo do passe tornou-se uma referência incontornável, seja ele compartilhado, contestado ou recusado, não há psicanálise lacaniana sem passe. Enquanto invenção de Jacques Lacan, o passe nos inscreve em seu campo e nos determina lacanianos. Cada um tem sua posição anunciada em relação ao dispositivo, que pode ser declinada com um: eu farei - eu não farei - não agora – ou, não jamais – jamais - ou talvez: eu ainda não sei. Nós temos, portanto, uma relação lógica e afetiva com o dispositivo do passe, e muitos estão nele sem serem passantes, o que não é sem consequências para a Escola.

Há seguramente os passadores, envolvidos a sua revelia, o cartel do passe, do qual participam certos membros que não fizeram eles mesmos o passe, e os passantes não nomeados. É essa experiência furada por todos os lados e constituída de fragmentos de saber que dá ao dispositivo seu valor. É o *não-todo* com o qual se sustenta o desejo do psicanalista e a partir do qual pode-se esperar que uma Escola garanta que um analista dependa de sua formação, senão, dizia Lacan, é o Estado quem se encarregará de tal formação (é exatamente isso que acontece). A Escola garante não o analista em seu consultório, mas sua formação e seu engajamento. É nossa orientação ética, e é essencial.

Quando o analisante se torna passante, ele decide dizer de maneira completamente desconhecida o que descobriu na transferência; é radicalmente diferente, e, portanto dificilmente concebível, que ele se arrisque a cingir o vazio circundado na análise, de outra maneira. Este pequeno fato clínico entendido testemunha que uns passadores fizeram o passe antes do fim de sua análise, e se observa que eles falam muito pouco de seu passe a seu analista e não esperam nenhum comentário; o corte já tinha sido realizado e permitido entrar no dispositivo. Eles não tinham mesmo percebido, e ao falarem no só-depois, isso não deixou de lhes surpreender.

O corte é radical e realizado de outra maneira. Está ligado ao fato que o reencontro com o real na análise faz ruptura. É um momento terrível, que o sujeito trata de forma particular. Descobrir em sua análise qual objeto ele é graças a uma manobra do analista, não é suficiente para o sujeito decidir tomar posição no passe. Se ele se arrisca, isso lhe permite cingir o objeto como causa de sua verdade de uma maneira particular, única que revela a dimensão do semblante.

A destituição é realizada na análise, mas no passe o sujeito percebe seu ser de objeto com uma iluminação meio-sol meio-sombra que faz signo da proximidade do real. Ela permite entrar no “dispositivo pelo qual o real toca no real”⁸. É uma proximidade desconhecida, pois o passante procura dizer isso que causou seu desejo de analista fora da transferência. É um outro corte que pode se apresentar lá.

Em que se torna o real inassimilável no coração humano? Esta “invariante singular”, que faz de cada sujeito um ser único depois da análise, é autenticável? É

⁸ J. Lacan. “... ou pior”. In: *Outros escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003, p.545.

ela diferente depois do passe? Guarda-se uma lembrança de outra maneira aguçada? Opera-se de outra maneira sobre o real em jogo na psicanálise depois do passe? O quê seria seu resto? Como tomar posição? Isso poderia se perceber na clínica sob a condição de que os analistas falassem de sua prática? *Não-todo* o fazem, e o efeito da psicanálise é calculado com dificuldade. Isso nada mais é do que o passe protegido de ser recapturado por sua fantasia...

Então? No anuário de nossa escola, cada um é dotado de um título inventado por Lacan e aos quais nós nos conformamos tranquilamente; eu não acredito que quando se demanda a entrada na EPFCL se demande a tal título, nem mesmo que essa demanda seja sem inquietação; não, demanda-se ser membro. Os nomes próprios que são seguidos de letras permitem que cada um se reconheça, mas há um paradoxo para o AE, que nomeado por três anos parece guardar essas letras, como indica nosso programa de hoje. Ele pode guardar suas letras mesmo mudando de Escola, pois nós podemos algumas vezes aconselhar um analista dizendo: “É um AE da ECF...”, então, o que se tentou separar de todo o resto! Portanto a nomeação atravessa as Escolas e reenvia o sujeito aos seus pares.

Isso que se pinça nas duas letras de uma nomeação, depois do passe, é pelo menos uma coisa: que o real foi tratado na análise. Seria isso “um estatuto legal” reconhecido a uma experiência? Como se na nomeação AE as letras designassem “uma qualquer coisa” que foi nomeada e que não se dissolve com o passar dos anos.

É uma experiência de limite que faz resto por ter duas faces: uma íntima, de sua própria descoberta, e outra *éxtima* da nomeação na Escola. Se a nomeação autentifica que o fragmento de real é verificado como núcleo do desejo de analista, isto não se perde jamais. Mas, não enquanto título, isso seria mais enquanto “punção”, essas duas letras burlando alguma coisa do real, do qual trata-se de fazer um lugar: analista de Escola. Por que isso se anuncia tão pouco dessa maneira, por que evocaria mais precisamente a responsabilidade do nomeado?

Para outra garantia, AME, isso não se produz da mesma maneira. Quando há nomeação é porque o nó marca dos significantes que cerca o vazio central pôde se anunciar sem desonra, e sem revivescência de ser. O passante tinha justamente cedido à ilusão de ser antes de se engajar no dispositivo; é alguma coisa desse *des-ser* que será fixado de ser enunciado, dividido, fora da transferência.

O sujeito passou para o lado do objeto no fim de análise, o passe é o bordo, isso permanece para todos jamais como a experiência de um franqueamento que conhece uma lógica. É, aliás, de um impossível estrutural se instalar no passe! Quando o dispositivo termina, o efeito demora algum tempo, pois é substituído pelas letras que tentam tocar socialmente isso que é totalmente particular e se opõe à normalidade ideal. Nada vem preencher a falta estrutural descoberta na análise e aceita de maneira particular no passe, mas é precioso ter podido avançar até lá e é sem dúvida isso que permanece nas duas letras do AE.

No entanto, a questão que se coloca é a de saber como caminhar em nossa Escola sobre o efeito do passe que não é seguido de uma nomeação. Se o sujeito fica magoado, é porque ele estava longe e ainda espera uma garantia do Outro. Isso

não será sem consequência para ele, se ele é ensinante, e é isso que se espera escutando ou lendo certos relatos: há qualquer coisa para ser recolhido dessa experiência.

Sob qual forma? Ela está para ser inventada, pois o testemunho é suspeito em nossa Escola. Evidentemente, recordamo-nos da ECF e do que recusamos como repetição; mas renunciar a escutar um passante totalmente tranquilo com seu íntimo, que ele enuncia para apreender os mecanismos, que está para ser interrogado desde que os elementos pessoais escutados no testemunho sejam recalçados. É o primeiro tempo de uma transmissão que deverá se encontrar a partir de um desejo particular e fará um estilo.

Por que receio que o passante que colocou toda sua análise a serviço de se separar dos significantes do Outro se agarra de um só golpe a um lugar para ser representado no campo do Outro por duas letras?

É um dos problemas do passe, e está totalmente no coração de nosso campo lacaniano que a nomeação tem um efeito inegável, para si mesmo, e com imediata tendência a se defender desse efeito, até de negar para o grupo. Como se o real em jogo tivesse seu efeito de isolamento.

A nomeação significa que o passante transmitiu aos passadores os diferentes franqueamentos que o conduziram a ser analista e que o cartel apreendeu. É bem isso o resumo do passe: dizer sem medo de não ser entendido. É a realização temporária, e eu não creio jamais definitiva, do “não há Outro do Outro”. Essa asserção deve tomar um lugar particular para que o passante seja na transmissão de um ato ligado a um desejo que não pode se elaborar a não ser a partir do singular e não somente do teórico.

Pode-se, por exemplo, escutar dos passantes sonhos que testemunhariam uma inscrição inconsciente do passe e não somente a realização de um desejo? Esta seria uma das formas da proposição de Lacan de “ser analista de sua própria experiência”. “Sua” nessa frase reenvia tanto ao passante quanto à Escola. É bem o sentido de nosso encontro hoje, visto que “é nossa maneira de dizer”, declarava Lacan em 1973.

Toulouse, 16 de janeiro de 2010.

Tradução: Elisabeth da Rocha Miranda

Corinne PHILIPPE

Por que se apresentar ao passe?

Se começo por aí, é porque a questão me concerne, ela se colocou no período em que eu era passadora. Antes mesmo de encontrar os passantes, eu tinha alguns fragmentos de resposta – o primeiro movimento só pode ser de entusiasmo, de surpresa: apresentar-se ao passe para fazer saber o que acaba de se produzir em sua análise, soçobro que lhe dá uma impressão de ter descoberto o inconsciente.

O inconsciente real é um território que se descobre na análise e aquele que toca na sua borda experimenta a sideração do inventor diante de seu achado. O passe é correlativo de uma invenção do saber do inconsciente. O verbo “inventar”, por mais equívoco que seja hoje em dia, significa, igualmente, “encontrar”, “localizar”. Pode-se dizer, por exemplo, que tal biólogo é o inventor de tal bacilo; há para este ato de nomear alguma coisa que já está aí, uma evidência, uma antecipação do real.

O analisante inventa o saber do inconsciente. Com a ressalva de que não há nenhuma necessidade de se igualar a um inventor para fazer uma invenção, visto que o analisante não está aí por nada. É porque é impossível vangloriar-se de uma invenção, de um achado. Nenhum triunfo, o acontecimento se deu a despeito do sujeito. É o inconsciente que é genial, para cada um de nós. Seria mais justo dizer que o analisante se deixou encontrar pelo inconsciente, que antecipou em *lalíngua* um dizer de gozo. O analisante chegou a um bom porto, estivado, fechado, escorado pelo incurável gozo. Enfim. Como calar, guardar para si tal descoberta? Logo que o analisante está neste ponto de fascínio, o entusiasmo o leva a dizer, a testemunhar sobre a experiência.

Depois, há uma outra razão que empurra para se apresentar ao passe: é que o analisante pode ter passado a analista ou, mais justamente, ao desejo de analista. Ele deduz seu desejo desse ato do qual ele não é o autor, o que o leva, mais do que nunca, não a acreditar mas a certificar a ex-sistência do inconsciente, isso de que ele vai tentar dar conta no passe.

O saber do inconsciente não se aprende, ele se desvela. Cito Lacan (*La Grande Motte*, 1974): “O analisante não o aprendeu, absolutamente, mas isso é a ele desvelado. É toda uma outra dimensão que não a de aprender, e esta que se lhe desvelou, seu primeiro movimento é o de não saber por onde pegá-la” Creio que há, aí, uma indicação preciosa do que pode produzir a interpretação pelo inconsciente real. O analisante não cessa de não retornar aí, é um tempo suspenso.

O desvelamento não tem mais nada do movimento que consiste em interpretar o inconsciente. O lugar da enunciação é radicalmente Outro. O analisante encontra-se, subitamente, interpretado, enlaçado, selado a um dizer de gozo: “Tu és isso”. Ao mesmo tempo, o analista é ejetado como objeto. É preciso um certo tempo para a ele se remeter; há todo um período de oscilação e de desorientação durante o qual é muito difícil pensar a experiência. Minha designação

às funções de passador chegou nesse tempo irresoluto. Em aceitando este trabalho, eu esperava, portanto, saber um pouco mais sobre as sequências do ato.

O procedimento do passe é um lugar no qual se transmite a experiência analítica. Não é o único, certamente, mas é, sem dúvida, insubstituível. Nele é requisitado o espanto, a curiosidade para as condições do ato analítico. Como explicar que o impensável tenha podido se produzir nesta análise? Não é coisa fácil, e é preciso desfazer a opacidade, o que resiste à lógica e ao entendimento.

Que o resultado interesse, ou não, à Escola, isto escapa ao passante que ignora, de todo modo, o que advirá de seu testemunho. O passante faz uma oferta. Ele não dispõe de mais nada. Por consentir à ausência de mestria, os passantes que eu encontrei tinham uma liberdade de tom, uma facilidade que faz o passe leve e alegre. Eles fizeram com que se desfizessem as inquietudes que eu tinha a respeito do passe, suas ênfases superegóicas.

Aos três passantes que encontrei, não deixei de colocar a questão: por que o passe? Recolhi diversas respostas de alcances inegáveis, cada um fazendo um uso singular do procedimento. Necessidade subjetiva de servir à psicanálise ou desejo de se servir da Escola. Certos passantes têm uma expectativa forte e outros não têm nenhuma. O estilo do testemunho tende à colocação do passante, em todo caso, enquanto passadora, creio ter sido sensível a isso.

Se a demanda do passante visa a uma validação pelo Outro, não há nenhuma garantia de encontrar satisfação pessoal no passe. A decepção pode estar, certamente, para o passante, na entrevista. *Idem* para o passador e para os membros do cartel, o saber do passante pode se perder, não encontrar destinatário.

Todavia, se um saber novo nem sempre vem à tona – foi assim na minha experiência – creio que alguma coisa se transmite sobre a vertente da ética. O passante, eu o constatei, a cada vez, é aquele que não recua diante do risco a assumir. O risco de se autorizar analista, o risco de dizer as razões disso, o risco da intranquilidade desde que ele se endereça a outros. Assumir um risco é avançar, ousar alguma coisa da qual não se pode ter a garantia de um benefício.

Lacan, ainda em *La Grande-Motte*: “O resultado [do passe] é algo novo, algo que, em alguns daqueles que aí se apresentaram, não foi sem efeito”. Ele prossegue: “Efeitos que são, talvez, desgastes, por que não?” Estrago (*dégât*) é uma palavra forte, mas Lacan sabia do que falava. “Eu estou aí com os desgastes sobre o meu dorso, diz ele, e isto não é inútil, já que [...] se há alguém que passa seu tempo a passar o passe, este, sou eu.” “Estragos, diz ele, é certo que tal como somos feitos, nós, seres humanos, o estrago é o que pode nos chegar de melhor”.

Eu creio que o que pode acontecer de melhor na ocasião é a prova da relação ao saber. O passe não é um resultado, um fim em si mesmo, ele não fecha nada. Se ele deve ser idealizado, não é por nenhuma outra razão senão a de fazer trabalhar, de estar alerta contra a tendência a dormir.

O passador não é o último a se interrogar sobre sua relação ao saber. Que sabe ele ao certo? Se ele foi designado por estar o mais próximo possível do real do passe, isto não faz dele um *expert*, ele não sabe, certamente, como a análise dos

outros deve se desenrolar e depois terminar. Seu saber é sutil. É um saber experimentado.

Em razão da nova relação que eu tinha com o inconsciente, eu constatava como ele era difícil de me emocionar. Eu era insensível aos andaimes do sentido. Eu renunciava progressivamente, a anotar tudo o que era dito, a espreitar o momento em que o real rebenta a tela da fantasia. Eu renunciava a tudo apreender, a reter tudo. Esta garantia, eu tinha da minha experiência, tão viva neste momento. É um fato, eu me sentia “segura”. É preciso, sem dúvida, vigiar este lugar para que ele não faça fechamento. Mas, sem este ponto fixo, como não se perder na identificação histórica ao passante ou ao analista?

Minha análise acabava de me ensinar que não há outra causalidade para o gozo senão o balbucio de *lalíngua*. Não há como fazer disto um romance, a *lalíngua* empurra não à construção, mas à desconstrução do sentido. Eis porque se pode dizer que só se pode apreender a trajetória de uma análise pela báscula ao real, tendo sido esta própria báscula, uma antecipação sobre a conclusão do sujeito. É ela que ordena o começo, que coloca a questão da entrada, que nomeia o sintoma. Há uma lógica do só-depois e, sobretudo, a marca de uma redução. Eu não sou poeta, dizia Lacan, mas poema. O passe faz de você alguém que é mantido pelo dito e, mais ainda, que se mantém pelo dito.

Este momento de destituição, este encontro do fora-sujeito do inconsciente, no qual a enunciação é deslocada — do poeta ao poema —, será ele fácil de repassar para um outro? Não há nenhuma comunhão possível com o inconsciente do Outro. Mas reconhecer não é saber para o outro. O passador é reativo, ele se presta à reação a partir de sua própria relação ao real.

Dele é esperado que transmita a épura, a lógica do testemunho do passante. Mas se isso bastasse, a função do passador poderia ser proposta a um número muito maior. Ora, utiliza-se o passador não como um relator aplicado, mas como placa sensível. Sendo assim, não é a prudência, nem tampouco o saber doutrinal que faz um passador, mas sua capacidade de reagir. É preciso, sem dúvida, contar com o que escapa um pouco ao passador, o que o apanha sem que o saiba. Que ele se deixe impressionar, alterar. É infalível, o passador é, sempre, impressionado, afetado de uma maneira ou de outra. Nenhum cartel deixou de observar os efeitos que o testemunho havia produzido em mim.

Certos efeitos se esfumam depressa depois do procedimento, mas há um resto que não se esquece, algo que se transmite no além do saber e que coloca o passador, por sua vez, em condições de responder da psicanálise. Depois desta experiência, a questão de se apresentar, ele mesmo, ao passe se coloca de forma incontornável. A entrada no procedimento como passador pode ajudar a transpor o passo, de passador, passar à passante. O encontro com os passantes conforta a ideia de que não há que recuar sobre as responsabilidades. Uma psicanálise, isso não serve senão a si, a fazer frutificar um uso satisfatório do gozo. Daí, para alguns, a escolha possível do passe, a de se explicar sobre o desejo do analista.

Então, uma palavra para responder à minha questão de início. Por que se apresentar ao passe? O além daquilo que o passante coloca para si mesmo e que ele

não está seguro de atingir, talvez sustente tanto a psicanálise para se dirigir àqueles que ela sustenta. Ninguém pode se sentir proprietário de seu tratamento, proprietário de uma invenção — e o que advém disso não nos pertence. A destituição subjetiva permite, sem dúvida, o tornar-se responsável pelo que não nos pertence.

Fazer a escolha do passe é recusar toda complacência com a impotência e o evitamento que cobrem o horror da castração. Deduz-se do passe, mais do que nunca, que uma análise permite fazer uma conduta na existência. De não ceder de seu desejo, ainda que ele custe, suceda o que suceder, e disto fazer ato para a comunidade analítica, é uma experiência que, em si, pode ser completamente desconcertante.

Tradução: Sonia Magalhães

Clotilde PASCUAL

**Ensinamentos dos cartéis do passe:
*cada passante encontra sua solução***

Quero tentar falar da experiência que tenho em um cartel do passe e do que estou aprendendo por ter participado desse dispositivo. Será necessário, antes de continuar, colocar uma premissa: estes cartéis começaram seu trabalho este ano, e desde o mês de outubro eu faço parte dele. Assim, minha participação até agora é modesta. Por outro lado, o número dos passes escutados não é tão alto. Mas eu quero tentar dizer certos pontos liberados a partir dos testemunhos escutados.

Parte I

Primeiramente, quero começar a dizer o que eu esperava encontrar na escuta dos passantes, quanto às questões que eu me colocava após a leitura dos testemunhos publicados, assim como a escuta dos testemunhos públicos dos passes pelos AE.

Uma dessas questões se refere ao fato que, segundo os principais textos de Lacan concernentes a passagem ao desejo do analista no passe e seu dispositivo (o texto de 1967, “A Proposição”, e o texto de 1976, “Prefácio à edição inglesa do Seminário 11”), constatei que há aí uma dificuldade a delimitar nos discursos do passante que pode se referir a este desejo. Dizendo de outra maneira: há poucas observações que concernem à entrada na prática analítica e que explicitam porque e como se articulam esta entrada na prática analítica com o passe clínico, assim como as repercussões desta entrada na vida pessoal.

Uma outra questão refere-se ao fato da interpretação do analista não ter o lugar suposto nas curas. A cura se desenrola como se a interpretação do analista não tivesse um lugar particular, sobretudo aquela que visaria o final do tratamento.

Se eu passo estas ideias é certamente para se perguntar, sobretudo, em relação a estas questões, se estas dificuldades vêm:

1- De uma questão de estrutura. Pode ser que eu procure qualquer coisa que toque em um real difícil de se dizer com palavras. O momento do ato que resulta a passagem para uma posição de analista, passa ao esquecimento.

2- De uma questão de doutrina teórica, da qual até agora os passantes como os passadores e os membros do cartel do passe esperaram a confirmação deste dispositivo, talvez ao pé da letra: travessia da fantasia com o passe pelo objeto, desejo do analista ligado a esta travessia, identificação ao *sinthome*... conceitos que podem nos fechar em relação a esta teoria;

3- Do que relevou Colette Soler em sua exposição durante a jornada da Escola em Buenos Aires: se o cartel do passe não sabe ler bem os discursos dos passantes a respeito dessa questão do desejo do analista, talvez seja porque é impossível que o passante possa dizer qual objeto ele foi.

Parte II

Uma vez colocadas essas questões, eu quero tratar disso que eu não esperava, ou tal como pude constatar, eu tive a surpresa de encontrar. Encontrei isso que chamarei uma demonstração, quanto a uma lógica da cura que tem de uma parte uma lógica significante do sentido, por outro lado, as discontinuidades significantes no discurso do passante em relação a esta lógica. O que faz relevo e dá valor a esta discontinuidade são os significantes que na historização do sujeito fazem passagem à historização do analisante ao analista. Como nos fez observar Bernard Nominé na sua inauguração do seminário da Escola em Barcelona, o que deve ser colocado em evidência no passe é a historização que mostra a passagem de analisante a analista e não somente aquela do sujeito em análise.

Então, o que se demonstra na lógica da cura é os significantes que se liberam e que foram como uma surpresa durante o tratamento, pelo analisante sob transferência. Surpresa que tem uma enunciação que se separa da história do sujeito e que toca o real. Claro que toca somente, já que, como o diz Lacan em seu seminário *Encore*, trata-se “de elocubrações sobre o real”, o que quer dizer que não se pode chegar a dizer o real enquanto tal, trata-se de elocubrações sobre a língua, em uma só palavra, *lalíngua*. Lacan nos diz a este respeito, no seminário *Encore*: “O Um encarnado na *lalíngua* fica indizível, entre o fonema, a palavra, as frases, e mesmo todo o pensamento”. Indizível quer dizer elocubração, por aproximação somente. Trata-se dos buracos na significação e no sentido, enigmáticos para o sujeito em si mesmo no primeiro tempo, que fazem transmissão disso que foi sua verdade mentirosa, e colocando um limite a essa, como Lacan nos mostra no “Prefácio à edição inglesa do Seminário 11”.

Quero tentar dizer um pouco mais. Esta não é tanto a narração da história do sujeito ou do percurso do tratamento (que é fundamental) o que importa são os significantes que surgem diferentes na articulação significante. Os significantes que condensam um gozo que mostram qualquer coisa da fantasia e do *sinthome* do sujeito, e que fazem a plataforma do passe clínico do analisante. Plataforma que regra o gozo e que faz aparecer um saber sem sujeito. Este que Lacan nomeia no primeiro parágrafo do “Prefácio...”: “*On le sait, soit*”,.(Sabe-se, seja).

Nesta plataforma estavam desenhadas, desde sempre, a saída do sujeito, o trauma, o sintoma, a fantasia, e finalmente o que faz limite para o sujeito concernente ao real fora do sentido. Quando o analisante chegou neste limite, há uma passagem do sofrimento do sintoma ao lidar com este *sinthome*, isto que desde Lacan nós chamamos a identificação ao *sinthoma*. E mesmo que o sujeito não saiba muito bem em que consiste este *sinthoma*, a história do sujeito foi orientada por ele. Esta história, quando ela chega a seu esgotamento, deixa todavia os restos do gozo (uma redistribuição do gozo) e de transferência que vão permitir uma prática clínica orientada pela ética psicanalítica que é a mesma coisa orientada pelo desejo do analista.

Assim, a clínica do passe me permitiu pensar uma clínica da variedade sintomática de cada sujeito, que coloca em questão a singularidade e a maneira de

encontrar sua solução particular. Trata-se nesta clínica não de verificar uma verdade do sujeito, coisa impossível, mas verificar a variedade do sintoma e de seu gozo.

Isso não é a mesma coisa que pensar um sintoma somente pela significação e seu sentido, mas de situar o gozo que apóia este *sintoma* e seus traços a partir das descontinuidades significantes. Descontinuidades que marcam a relação complicada entre o corpo e o simbólico. Relação complicada porque é a do real que não tem tradução direta.

Por outro lado, o que eu também aprendi na minha experiência no cartel do passe resulta sobretudo no que ela me liberou da ideia de procurar um saber relacionando o sujeito, que daria a fórmula de seu desejo. Talvez uma certa leitura do texto da Proposição de 1967 me tenha levado a formular as coisas dessa maneira. A ideia de Lacan na Proposição era que o passe clínico era a solução ao problema do desejo em termos do desejo do analista. Mas eu procurava, sem me dizer. A solução, com um grande A, e poder participar de um cartel do passe que me permitiu ver as coisas de uma maneira diferente.

A propósito, Lacan escreveu, num outro texto de 1967, que no meu ponto de vista completa aquele da Proposição, “Prefácio à edição inglesa do seminário 11”, que as coisas não são tão evidentes ao que concerne a este saber. Ele nos diz que a cura freudiana serve para situar o saber dos amores do sujeito com a verdade, mas que justamente a análise resulta da queda destes amores com a verdade sempre mentirosa. Isto dá lugar a uma decepção, que mostra a ruptura entre verdade e real. É nesta ruptura que o sujeito deve atravessar esta decepção. Decepção de não poder se sustentar da verdade mentirosa de sua fantasia, ao mesmo tempo em que se abre a possibilidade de se sentir aliviado da culpabilidade de dever sustentar esta mentira.

Farei uma hipótese que, se há qualquer coisa para esperar do testemunho do passante, é que ele possa clarear seu alívio, produto de uma libertação com a mentira da sua vida fantasmática. Libertação que vai poder, de um lado, produzir a queda do sujeito suposto saber e, do outro lado, mostrar a satisfação de uma redistribuição do seu gozo de maneira a encontrar uma solução particular, e não A solução.

Esta maneira de compreender o passe produziu em mim uma certa perda de algumas certezas ou idealizações (a doutrina que nos fecha, sem dúvida), mas também uma satisfação, aquela de tentar compreender a solução particular de cada passante quando não é mais da ficção do seu caso.

Parte III

Por fim, e o desejo do analista? Penso que ele implica esta separação da mentira de sua fantasia, esta articulação desta travessia entre decepção (onde está evidente que as identificações falham, vão cair), alívio pela libertação para com a verdade mentirosa de sua fantasia e uma outra satisfação. Articulação que forçosamente, pela redistribuição do gozo terá a ver com a ética do bem dizer, que se mostraria de uma maneira diferente de fazer face à prática analítica.

O cartel do passe me mostrou que, em cada passe, as coisas podem se passar de tal maneira que o passante possa mostrar e transmitir aos outros (os passadores), e por eles, ao cartel do passe, alguns pontos cruciais de seu percurso, sobretudo ao que concerne sua solução particular ligada a seu desejo de analista (neste caso ele terá nomeação de AE). Mas sempre, fora da nomeação, há um ensinamento que pode se transmitir junto à Escola.

O passe mostra que não há o universal a procurar, que há achados sobre a possibilidade de dizer como saber fazer com a ruptura entre o sentido e o real. Eu me reencontrei, com esta experiência no cartel, mais perto da singularidade de cada caso de passe do que da tentativa de fazer “colar” a teoria à clínica do passante. Por outro lado, e é importante, no trabalho do cartel trata-se de juntar entre todos, isto que cada um escutou desse passe e de chegar a uma conclusão sobre os pontos colocados em jogo e mostrados pelo passante. Pontos que qualquer coisa pode fazer transmissão da historização ligada a sua passagem ao analista. Trata-se nesses casos que o cartel possa certificar (não construir o lugar do passante) que o passante por seu testemunho (sem dúvida em aí fatores conjunturais) pode transmitir seu percurso analítico como analista de Escola.

Bibliografia

NOMINÉ, B. «Inauguration du séminaire d'École du FPB, sur la Préface à l'édition anglaise Du Séminaire XI de J. Lacan», Barcelone, octobre 2009.

LACAN, J. «Proposition pour un analyste de l'École», 1967.

LACAN, J. «Préface à l'édition anglaise du Séminaire XI», 1976.

LACAN, J. *Le Séminaire, Livre XX, Encore*, Paris, Seuil, 1975.

SOLER, C. «Lalangue, traumatique», extrait des cours des 17 et 31 janvier 2007.

SOLER, C. «L'inconscient réel, conséquences pour la passe», Rendez-vous de São Paulo, 4 juillet 2008.

SOLER, C. «Les conséquences de l'acte, comment les reconnaître ?», Première Journée internationale de l'École (EPFCL), Buenos Aires, août 2009.

Tradução: Delma Gonçalves

Béatrice GUITARD

O passe

Encontrei-me com dois passantes de modo quase simultâneo — de novembro a janeiro —, depois com dois cartéis diferentes, estes bem distantes (um em janeiro, outro em julho). Aponto de saída este detalhe que tem sua importância: pareceu-me complicado testemunhar num período tão longo (seis meses após recolher o testemunho). O frescor da lembrança estava um pouco desbotado. Não posso garantir que o esforço necessário a sua reanimação não tenha tido alguma influência sobre meu enunciado.

Se o evoco, é porque esse distanciamento é consequência da escolha de nossa Escola de dar ao Passe uma dimensão internacional. Para poder se reunir, a distância complica as coisas. Além disso, tive a chance de receber o testemunho de um passante cuja língua materna não era o francês. É desse encontro com a língua estrangeira que gostaria de falar.

Ela é de origem latino-americana. Na França, há seis anos no momento de seu testemunho, ela havia adquirido um bom domínio de nossa língua, usando-a corretamente. No entanto, lhe escapavam ainda nuances requeridas para dar conta dos caminhos e armadilhas do inconsciente ao longo de um percurso analítico. De fato, não é fácil evocar ao mesmo tempo as emoções-sensações que marcaram a direção de longos anos de análise e as construções progressivas a ela relacionadas. Em nossa própria língua já penamos. De minha parte, não falo espanhol e não tenho familiaridade com o contexto cultural da América do Sul. Saíamos ambas esgotadas desses encontros (dois, mais dois telefonemas). Contudo, eles aconteceram. E de modo muito bom. Eu gostaria de tentar relatar sobre isso.

O primeiro fator diz respeito à personalidade dessa passante, mulher muito calorosa, extremamente viva e espontânea. O contato com ela se estabelecia facilmente. Mas o que me impressionou foi o uso que ela fazia de sua relação com a língua estrangeira, com as palavras. Totalmente engajada no que procurava transmitir, nisso colocava toda sua energia: “É preciso que isso passasse”. O quê? Seu desejo de dizer, não somente de me dizer, mas de chegar ao mais perto de sua verdade, até mesmo usando movimentos do corpo: gestos, mímicas. “Você entendeu?” – Humm... não estou certa... – “Bom, vou começar novamente.” Ela utilizava o francês corretamente, eu já disse, mas com um forte sotaque. Certas palavras eram difíceis de compreender, certas frases nem sempre bem construídas, erros eram cometidos no manejo dos gêneros masculino e feminino... Diante de minha perplexidade ou incompreensões, ela utilizava todo tipo de meio, até que ela tivesse certeza de ter se feito compreender. Eu sentia, de modo quase palpável, o que diz Aharon Appelfeld no seu livro *História de uma vida*: “O esforço para refinar as palavras de toda escória, o desejo de lhe estender algo que vem do interior”.⁹

Eu escutava suas palavras, sua frase, como se escuta poesia, com ritmo — que mudava de acordo com a emoção suscitada. Diante do tropeço em uma

⁹ *L'effort pour affiner les mots de toute scorie, le désir de vous tendre quelque chose qui vient de l'intérieur*”.

palavra, repentinamente impossível de se encontrar em francês, ela procurava várias versões em espanhol ou tentava aproximá-la em um contexto ou misturava com o inglês. Este conjunto acabou por resultar em uma música cuja melodia recorrente se tornou pouco a pouco perfeitamente identificável. Nas horas acumuladas desta escuta um pouco complicada, era necessário abandonar as margens seguras de minha língua, dos idiomas conhecidos, e aceitar que certas palavras, certas expressões me escapavam. Uma decifração muito exigente faria perder a textura do tecido da cadeia significativa. Mas, ao mesmo tempo, eu estava pressionada pela preocupação de rigor, atenta à lógica de sua elaboração de saber com respeito ao inconsciente quanto ao seu modo de construir o enunciado disso.

Trabalho habitual do analista, me dirão. Salvo que o passador não está na posição do analista e que ele não perde o horizonte da transmissão ao Cartel. O tempo é contado, se eu posso dizer, contrariamente ao da análise. Há uma data, um prazo fixado, ao final do qual ele deverá relatar sua escuta. Isso conduz a considerar de maneira específica a relação com o tempo. Há uma urgência. Do lado do passante, urgência para dizer; do lado do passador, urgência para capturar a travessia sobre a qual lhe falam. Nesse momento breve do tempo do passe, é necessário — e complicado — considerar simultaneamente as duas asserções que Lacan faz sobre o *tempo*: o tempo da duração, do desenrolar das coisas, e o do inconsciente, que não é o mesmo.

O passador, preocupado em reconstituir em seu testemunho uma análise, frequentemente estendida por longos anos, procura definir os pontos de referência das etapas, das fases. Ele orienta sua escuta nesse sentido, visando ser o mais fiel possível. É o que se espera dele. Mas paralelamente, ou mais exatamente no aqui e agora do encontro, há a dimensão do tempo do inconsciente, que se apóia sobre a sincronia, o sinal de abertura que se fecha imediatamente, de acordo com o ritmo dos batimentos. As manifestações do inconsciente não são previsíveis nem se calculam, surgem... ou não, tanto na análise quanto no passe. É também o que se espera em uma experiência deste tipo. Vemos então todo o paradoxo de uma posição de escuta que exige, de um lado, uma vigilância racional e, do outro, um relaxamento da atenção formal.

A posteriori, e comparando minhas duas experiências, dois obstáculos possíveis me aparecem.

Ser levado pelo tempo da duração. O passador escuta atentamente o que lhe é contado, e se deixa levar pelo sentido, pela história desta análise da qual se relata o desenrolar. Neste caso, é a “tradução” que importa. Eu emprego esta palavra por uma razão:

- pode se tratar do desejo consciencioso do passador, preocupado em não deixar passar nada por acaso e de ficar próximo da narrativa cronológica dos eventos da cura para que se compreenda bem;

- pode se tratar, mais prosaicamente, da tradução no sentido literário, quando um membro do cartel não entende nada da língua francesa e um colega, como tradutor demasiado zeloso, busca fazer com que ele compreenda integralmente.

Pequeno parênteses: nós fizemos a escolha por ser internacional, e não pela Torre de Babel. Podemos nos espantar que os estatutos, estipulando a necessidade de passante e passador falarem a mesma língua, não deixam claro como deve ser para os membros do cartel. Perigo de colar-se à tradução portanto, o que poderia não deixar espaço para a hesitação sobre o sentido. Ora, sabemos que as palavras não são necessariamente significantes; é possível, como diz Lacan, montar uma coleção no dicionário sem, no entanto, revelar o essencial para o sujeito. A fixação excessiva à tradução — seja sob a forma de um testemunho exaustivo ou da transposição linguística de uma língua a outra — apaga o ritmo, as hesitações, os furos, as obscuridades, todos os elementos preciosos que chamarei de fôlego do discurso, verdadeiros marcadores do desejo — o do passante se dirigindo ao passador como o do passador se dirigindo ao cartel.

Levar em consideração as condições de escuta dos efeitos do inconsciente, por outro lado, não ocorre sem gerar angústia. Aceitar largar o sentido da narração e o domínio das palavras ou das frases conduz a aceitar não ser fiel e de ser então, por esse fato, parasitado pelas representações subjetivas do que espera a instituição para a nomeação de seus futuros AE. Penso no que Lacan pontua no Seminário 8, sobre a necessidade para o analista “ter sempre em sua porta um pequeno desejo bem arrumadinho”, para não ser exposto à angústia.

Na situação do passador, favorecer a escuta na versão “recording...” poderia efetivamente ser este o pequeno desejo bem cômodo. Nesta experiência tão sensível do passe, me parece que o que se ganha em fidelidade ao testemunho, à compreensão, se perde em potencial de encontros. Este ponto preciso, me parece, que não é sem articulação com a língua de Lacan. Pessoalmente, levei muito tempo para consentir com isso, tão ocupada neuroticamente à combatê-la como a invejar aqueles que pareciam estar à vontade com essa ideia. Sem essa atitude de consentimento, podemos sempre falar o lacanês, mas não necessariamente se servir do pensamento de Lacan.

Eu concluirei com a passante cujo encontro já evoquei. Ela havia tido efetivamente a experiência de uma travessia analítica e sua vida tinha mudado. Que ela seja nomeada ou não, não é uma questão aqui. O ponto que eu gostaria de insistir, é a que a língua da verdade está atada ao desejo. A passante não recuava diante de sua verdade, diante de uma urgência para ela e para a instituição em transmitir o que a experiência da análise a havia transformado, liberado, isso ocorreu com o preço do risco de perdas na troca.

Após nossos encontros, no momento de partir para seu país de origem, ela me telefonou muitas vezes. Sentia nela o mal-estar de não poder ter falado como ela gostaria, em sua língua. Por mais que se faça análise, a angústia não desaparece. Pessoalmente, ao sair deste momento de experiência tão intenso quanto exaustivo, dominou um curioso e agradável sentimento de ter inventado, descoberto ao mesmo tempo que ela, um arranjo das vias de passagem da palavra. Não somente houve um encontro autêntico mas, além dos limites geográficos da língua, algo do nervo da psicanálise pôde ser transmitido.

Se as funções do analista, do passador e dos membros do cartel são diferentes, um ponto lhes é comum: uma posição necessariamente ética. Todos estão interessados pelo inconsciente. Ora, pensei nesta passagem do Seminário 11 em que Lacan insiste: “O estatuto do inconsciente, que eu lhes indico tão frágil no plano ôntico, é ético. Freud, em sua sede de verdade diz –*o que quer que seja, é preciso chegar lá (...)*”¹⁰

Tradução: Beatriz Oliveira. Revisão: Milton Dias

¹⁰ J. Lacan, *O seminário, livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*, Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1988, p. 37.

Patricia DAHAN

Ao vivo

Agradeço a Pascale Leray pelo convite para participar dessa Jornada sobre o passe. Desde a minha recente nomeação como AE, é a primeira vez que vou prestar contas de minha experiência de passe e de minha experiência de análise. É, portanto, o momento de uma transição entre o universo íntimo da relação analisante-analista e da relação passante-passador e uma confrontação com o público mais amplo, momento que me leva a formular de uma maneira nova o caminho que vai da análise ao passe.

Eu gostaria de mostrar hoje em que a análise é um modo de aceder à língua, ao real do inconsciente, de que maneira isso se produziu na minha análise e o que permitiu, através desse acesso à língua, aprender o sentido do meu sintoma. O mínimo que se pode dizer é que eu não me precipiteie em fazer o passe, apesar de que, quando terminei minha análise, eu estava impaciente para testemunhar. Entre a impaciência para testemunhar sobre uma experiência inédita e o desejo de transmitir um tempo se passou. Um tempo se passou durante o qual muitas coisas ainda mudaram e o meu comprometimento com a psicanálise não cessou de se reforçar.

Gostaria de precisar, para começar, que graças à análise houve para mim um antes e um depois. Antes da análise eu era inibida, apagada, angustiada, eu sentia quase que fisicamente um peso nos meus olhos, o peso da culpa. Cheguei até, na minha análise, comparar esse peso a uma capa ou a um casaco pesadíssimo. Graças à análise esse peso caiu, comecei atividades, entrei em atividades às quais outrora entrara, fui ensinar, usei confrontar-me com outros nas funções de organização, minha relação com os outros mudou. E posso dizer que depois da análise novos efeitos ainda se produziram, a tal ponto que a questão do passe não era o que havia de mais urgente, na medida em que eu fazia meus investimentos em numerosas áreas nas quais, até então, eu não entrava.

Para mim, o tempo da análise se decompõe em três tempos lógicos, que vão do início da análise até o passe. O primeiro tempo durou até a elucidação de um sonho que fez bascular o curso da minha análise, um momento de passe, depois do qual meu analista me designou como passadora. Esse primeiro tempo seria o instante de ver, que durou mais do que um instante, foram cinco anos. O segundo tempo teve uma duração equivalente, em que houve outros momentos de passe, e durante o qual tudo o que havia sido dito e que fazia mistério para mim no primeiro tempo, retornou como, por exemplo, uma lembrança recorrente, sintomas presentes ou passados e ainda outras coisas mais – tudo isso foi progressivamente elucidado. Foi o tempo para compreender, que correspondeu à segunda volta da análise. Enfim, depois de terminada a análise, houve o tempo para concluir e para fazer o passe, que durou ainda seis anos, durante os quais, a análise tendo produzido seus efeitos, eu ainda descobri coisas novas.

Antes de me interessar pela psicanálise, ou pelo menos antes de investir ativamente aí, eu estava comprometida em outro campo, o da economia e da pesquisa em ciências sociais. Eu havia feito todo um percurso antes de começar minha análise. Foi no momento que eu ouvi falar do conceito de *lalíngua* que eu verdadeiramente investi nos seminários de Lacan, começando pelos últimos, antes mesmo de ter assimilado a primeira parte de seu ensino.

O que eu gostaria de falar a vocês hoje é sobre essa relação entre minha análise e o que nela foi produzido de determinante e o conceito de *lalíngua*. Nasci em uma família onde se falava várias línguas. Meus pais eram de nacionalidade grega e às vezes falavam grego entre eles. Em minha casa, quando estávamos em família, falávamos francês, e minha avó, que vivia conosco, não falava nem grego nem francês, ela falava ladino, judeo-espanhol, a língua que os judeus falavam antes de fugir da Espanha no momento da inquisição. Minha avó falava comigo nessa língua e eu a respondia em francês.

Até a idade de oito anos, eu dormia no quarto de minha avó, e durante os três primeiros meses de minha vida, quando eu ainda era amamentada por minha mãe, ela e minha avó se ocupavam muito de mim. O ladino era a língua materna de meus pais e minha mãe e minha avó só falavam essa língua entre elas. O judeo-espanhol é portanto a língua na qual eu fui banhada nos primeiros meses de minha vida, é a minha *lalíngua*. Com a morte da minha avó eu me dei conta que eu era muito ligada a essa língua, que havia sido transmitida de geração em geração desde o século XV, e que com o desaparecimento da minha avó essa transmissão pararia, eu não a transmitiria para meus filhos. Minha mãe me falava em francês, mas suas frases eram salpicadas por palavras, expressões ou dicções em ladino. Depois de muitos anos de análise, durante os quais parecia que nada havia mudado, que nada de significativo havia mudado para mim, tive um sonho. A interrupção da sessão, em cima de uma palavra das associações do sonho, produziu um efeito que eu qualificaria de fulgurante. Essa palavra poderia resumir uma pequena lembrança de infância que esteve em pauta durante toda a minha análise, mas que na hora eu não fiz a ligação. O que houve de fulgurante foi que o corte da sessão produziu um efeito de choque, e que a esse significante do sonho eu associei imediatamente outro significante dessa língua que não era falada a mais de vinte anos em nosso meio. Desde a morte da minha avó eu não tinha escutado mais essa língua, minha mãe usava cada vez menos expressões em judeo-espanhol e eu me desliguei completamente dela, pelo menos eu assim pensava, mas esse significante de *lalíngua* surgido na análise era uma expressão que minha mãe utilizava frequentemente quando eu era criança, e ao evocar isso eu percebia todo o gozo que ele continha quando ela o pronunciava.

As sessões que se seguiram me permitiram associar isso com uma parte da minha história, a que parecia que não me dizia respeito, ou seja, algo que ocorrera antes de meu nascimento e que eu apenas havia evocado na primeira parte da minha análise. O que a análise me permitiu compreender não era tanto que eu havia sido tocada por essa história que parecia não me concernir, mas de que maneira eu

estava concernida pelo que se produziu antes de meu nascimento. Era algo que tinha a ver com a morte.

Todo mundo tem uma relação afetiva com a língua, todo mundo se banhou em sua pequena infância num meio onde os sons, a língua, a maneira como ela é falada e ouvida tem um sabor particular. Não é a língua da cultura, a língua da comunicação, mas a língua dos afetos. Na análise, perceber essa lalíngua não é sempre evidente, sobretudo quando o idioma falado na idade adulta, no qual se lê e se escreve, é o mesmo idioma da lalíngua da sua infância, a que nos ensinaram a corrigir, a transformar em linguagem – linguagem que, diz Lacan, é uma elocubração de saber sobre lalíngua. Quando uma língua na qual são constituídas as primeiras relações afetivas não é a mesma que a utilizada em seguida, pode-se facilmente aprender na análise essa relação da lalíngua e o acesso ao inconsciente pela lalíngua, sobretudo se essa lalíngua não é falada há muito tempo, e mesmo quando é quase esquecida. Do ponto de vista da transmissão e, portanto, do passe, isso foi uma maneira para mim de testemunhar a função de lalíngua em minha experiência. Foi em lalíngua que pude encontrar a explicação de meu sintoma, ou seja, do ciframento da letra.

Lacan define a letra como o retorno do recalcado, que desde Freud é um sintoma. Mas dizer que o sintoma é uma letra é introduzir a noção do real; é dizer que o sintoma não tem apenas uma estrutura de metáfora, mas também uma de gozo. A letra tal como Lacan define resume esses dois aspectos do sintoma. A letra não é o significante, ela é segunda em relação ao significante. Ela é o significante recalcado que volta transformado, e dessa feita ela não é diretamente legível. Nem a língua nem a letra como lalíngua não está do lado do sentido, está do lado do gozo. Foi essa dimensão de gozo que foi atingida em minha análise: graças ao acesso à lalíngua foi possível tocar o real do meu sintoma, o que de gozo pôde se expressar para além do deciframento.

Se admitimos a equivalência entre letras e sintoma, podemos dizer que o sintoma é uma formação do inconsciente ao mesmo tempo estruturado como uma linguagem e faz metáfora e gozo de lalíngua. E também, como diz Lacan em “A Terceira”, se na letra tem ciframento é necessário retornar a que constitui cifra. O sintoma é um enigma. Pode-se chegar a destrinchar o enigma do sintoma tendo acesso a lalíngua do paciente. Ora, para mim foi na lalíngua da minha primeira infância, língua quase esquecida, no momento da minha análise se constituiu em meu sintoma, e foi nessa língua que eu pude encontrar a explicação dele. Para retomar os termos de Lacan sobre a definição do enigma, podemos dizer que se trata de uma enunciação cujo enunciado desconhece.

Eu seria levada a desenvolver mais longamente esse aspecto teórico, mas para terminar eu direi simplesmente que o enunciado desse enigma encontrei-o no significante da lalíngua: *svelta*, em francês *vive* (vivo). O sintoma no qual se encontra o ciframento da letra, e que me concerne: inibição, lentidão, apagamento, em uma palavra, a falta de vivacidade sendo sua enunciação.

Janeiro de 2010

Claire MONTGOBERT

O que (d'isso se) passa¹¹

“Experiências de passe”: escolhi testemunhar pontos que não resumem toda a experiência do passador, mas que me pareceram marcar sua particularidade. São, em primeiro lugar, a singularidade e o inesperado da experiência e, em seguida, os efeitos do passe sobre o passador.

Para situar o que é o passe e a posição do passador, retomarei dois extratos de uma intervenção de Lacan no Congresso de 1973: “(...) O passe permite a alguém que pensa poder ser analista, a alguém que está perto de se autorizar, se é que ele mesmo aí já não se autorizou, comunicar o que o fez decidir-se, o que o fez assim se autorizar e se engajar em um discurso do qual certamente não é fácil ser o suporte, parece-me.”¹²

Concernente ao passador: “Desejei precisamente evitar o retorno aos velhos usos (...) e o que é uma experiência essencialmente daquele que vem aí se oferecer, pois bem, haja alguém que justamente não esteja aí de salto alto¹³ para o ouvir, e é bem justamente em que os passadores, eu havia pedido, (...) que eles fossem escolhidos entre todos os recém chegados e escolhidos por quem? Por seu analista e, como já sublinhei, independente do consentimento do próprio sujeito (...). O que esperamos deles é um testemunho, é uma transmissão, uma transmissão de uma experiência (...).”

O efeito surpresa

O acaso fez com que no intervalo de uma semana eu tenha sido sorteada por dois passantes. E, a cada vez, quando o passante me chamou ao telefone, foi a mesma surpresa: sem ter sabido num momento anterior, dá-se conta que se o quer e que se vai responder sim. Esta oferta que foi feita, de ser o passador de um outro que você não conhece, eu não tinha encontrado nada equivalente. E, como efeito, a surpresa e, em seguida, o entusiasmo de contribuir para um dispositivo que você sabe concernir ao fim da análise e da passagem de analisante a analista.

Seguiu-se o tempo das questões.

De início sobre sua análise; você não foi prevenida por seu analista, e você se interroga, não sobre seu ato, mas sobre sua própria análise. E ali há também um efeito de entusiasmo que não é sem consequências na análise.

No tempo seguinte é sobre o passe que você se interroga. O passe você tinha ouvido falar, mas isso não lhe concernia. Isso era para outros, bem mais avançados em suas análises e no saber psicanalítico. E de repente, eis você engajado em um dispositivo no qual você descobre bem rápido que não há manual a seguir. Somente alguns pontos de referência: encontros com o passante, depois um

¹¹ “Em Francês no original “*Ce qui (ce) passe*”

¹² Extrato da intervenção de Jacques Lacan no Congresso da Escola freudiana de Paris, novembro de 1973. *La Grande-Motte*, sessão de trabalho sobre o passe. (Publicado em *Lettres de l'EFPP*, nº 15, junho de 1975)

¹³ Ou “de nariz em pé”. A expressão francesa é “*sur les grands chevaux*” que conota “ares de superioridade”.

testemunho diante do cartel do passe. Nada mais. Nem o número, nem o conteúdo dos encontros com os passantes são definidos de antemão. É um dispositivo entregue ao mesmo tempo à contingência - aquela do sorteio- e ao desejo: o do passante, o seu e - você o descobrirá ao final - o do cartel.

A singularidade dos encontros

Cada um dos dois passes foi singular, tanto do lado dos encontros com os passantes, quanto do lado dos encontros com os dois cartéis do passe.

Do lado dos encontros com os passantes, e mais além da diferença no estilo, no número e na duração dos encontros, é preciso sublinhar o traço comum: o esforço dos passantes para transmitir, para “fazer passar” o que foi determinante em seu fim de análise. Tratava-se para eles de explicitar um ponto crucial que constituiu uma virada em sua análise, ponto a partir do qual eles podiam precisar uma mudança em sua posição. Sem revelar o conteúdo do que foi ouvido, o momento crucial, para um deles, pôs em jogo o real de *lalíngua* - em uma só palavra - e para o outro o encontro com o fora-do-sentido (*hors-sens*).

A singularidade da posição do passador

Singularidade dos encontros com os passantes, mas também singularidade da posição de passador. Para o passador, com efeito, a situação não corresponde a nenhuma experiência a qual possa referir-se, nem sua própria análise, nem mesmo em outro lugar. Nessa situação, pareceu-me que a única escolha possível era deixar-se guiar pelo relato do passante, com o fim de recolher seus dizeres.

Para cada um dos dois passantes, o primeiro encontro se desenvolveu a partir do relato. O inesperado para o passador é que, imediatamente, desde os primeiros minutos desse primeiro encontro, o passante entrega o que foi sua experiência de analisante, trazendo o que havia sido, para ele, essencial no curso de sua análise. Houve então um certo efeito de sideração, rapidamente suplantado pela intensidade da atenção voltada à enunciação da qual você é testemunha - e o escriba, porque você toma notas. Mas esta posição de testemunha não é a de uma escuta passiva: você faz precisar e interroga os pontos que lhe parecem imprecisos ou enigmáticos, você valida com o passante a articulação de seus enunciados. Para os dois passes, este primeiro encontro deixou-me uma impressão profunda que atribuí mais tarde à colocação em ato, ao encontro entre dois desejos, o do passante e o do passador: o desejo de transmitir.

Com um dos passantes, os encontros seguintes vieram precisar e completar o que foi dito da primeira vez. O outro passante trouxe novos elementos cuja importância só se revelou ao passador durante o testemunho perante o cartel.

Deixar-se guiar pela palavra dos passantes não é estabelecer um relato das entrevistas, nem mesmo da análise. A partir dos enunciados, tratava-se de identificar os momentos-chave da análise e de precisar seus efeitos, de destacar as mudanças da posição do analisante. É um trabalho a dois, entre o passante e o passador, que se elaborou durante os encontros.

As dificuldades do passador

Para o passador isso não se fez sem momentos de perplexidade. Durante as entrevistas, há momentos em que você não compreende. O enunciado se mantém enigmático, como uma língua estrangeira da qual você compreende cada uma das palavras, mas que não fazem sentido. Você não compreende. Então você promove o questionamento, retoma-o no encontro seguinte, até chegar a um enunciado que você valida com o passante. Esses momentos de dificuldade ocorreram nos dois passes e a cada vez, sobre o que o passante apresentava como um ponto de certeza para ele e que fazia enigma para o passador. O fato de saber que havia outro passador permitiu-me prosseguir neste trabalho de elucidação mais além desses pontos de obstáculo; o que não se pode obter com esse passador talvez pudesse obter-se com o outro...

Depois, e isso foi outro efeito surpresa, no testemunho perante o cartel, essas dificuldades apareceram como componentes da transmissão.

O testemunho perante o cartel do passe

Testemunhei perante dois cartéis muito diferentes quanto a seu estilo. Mas o que me marcou foi a atenção dos membros do cartel, atenção voltada para uma finalidade, que interpretei como a de verificar o passe.

Confrontada à dificuldade de restituir em pouco tempo o essencial de várias horas de entrevistas, fiz a escolha de estruturar meu testemunho articulando os pontos-chave do percurso analítico dos passantes. Isso terminou na redação de um texto sobre o qual pensava apoiar-me no encontro com o cartel. Na prática, as questões do cartel me levaram a sair da linha do que tinha preparado, para ir buscar no detalhe dos enunciados que tinha anotado, mas que não tinha retido no texto preparado.

A experiência foi muito diferente de um cartel para o outro.

Para um dos passes, as questões do cartel interrogaram o que me havia escapado, o que fazia buraco no testemunho, com o inesperado de uma transmissão que se operava sem meu saber, a partir de equívocos que não havia destacado nas entrevistas com o passante. De certa maneira, o passante me havia "imposto" seu sintoma.

Para o outro passe, o encontro consistiu essencialmente em precisar pontos que o cartel já tinha visto com o primeiro passador. É retornando ao detalhe das entrevistas e precisando os enunciados, que se desenhava o singular do fim da análise.

O que retenho como mais surpreendente é o seguinte: o encontro com os cartéis foi uma experiência que "o quê passa", o quê se transmite não é tanto o que havia sido preparado, mas o inesperado de um saber extraído pelas questões do cartel.

Os efeitos sobre o passador

Os encontros tiveram também efeitos sobre minha própria análise. A experiência interpela você e lhe toca também em seu inconsciente. Isso se traduziu

para mim, primeiramente, por uma nova abertura ao equívoco da língua – ainda que o testemunho com um dos cartéis tenha mostrado que eu tinha deixado passar, deixado de lado, pontos de equívoco principais.

Em seguida, o que havia sido entrevisto de um mais além do ponto onde estava em minha própria análise, confrontou-me com um ponto de horror, algo como uma estranheza radical que tinha que enfrentar. "Não me encontrava." "Não se encontrar": não poder identificar-se a esta estranheza radical, mas também não poder-querer acercar-se dela. O trabalho que se seguiu na análise permitiu atravessar o que considero ser um momento de passe, abalando uma fantasia de controle.

Conclusão

Para concluir, gostaria de precisar que os dois passes dos quais tive que testemunhar não deram lugar à nomeação. Mas é preciso também assinalar que os dois passantes, quando do último encontro, comunicaram-me sua satisfação de ter feito o passe e disseram-me que foi importante para eles, qualquer que fosse a decisão do cartel sobre a nomeação.

Satisfação e importância da experiência para o passador igualmente, o que o leva a colocar a questão de seu próprio passe.

Sobre a questão da nomeação, faço a ligação com outra passagem da intervenção de Lacan nesse mesmo congresso, onde se diz, a propósito do passe, que "o resultado é alguma coisa totalmente nova, alguma coisa que, em nenhum daqueles que aí se apresentaram, foi sem efeito, efeitos que são talvez estragos, finalmente, por que não? Mas estragos, cada um sabe que, fodidos como somos, nós outros da espécie humana, os estragos são o que pode nos acontecer de melhor...".

Para o passador, isso não foi sem efeitos, e desejo agradecer à Escola, aos passantes, ao analista que me designou e aos membros dos cartéis.

*Tradução: Barbara Guatimosim
Revisão da Tradução: Cleonice Mourão*

A abertura em direção a uma nova satisfação

Hoje vou vos falar de algo que, por ter constatado por experiência, constitui o indispensável do passe: o testemunho do passe é uma experiência que se vivencia e que provoca novos efeitos subjetivos, efeitos sobre o fim do tratamento, entendendo-se o fim como uma conclusão. Que estes efeitos relacionados à finalidade da análise pudessem dar lugar, como é o caso hoje, a uma experiência de transmissão aberta à nossa comunidade, isso faria do real da análise uma questão de Escola.

O que poderia eu dizer, de modo mais preciso, desses efeitos, senão que eles colocam em jogo um dizer, um dizer próprio ao passe, um dizer apoiado nos impossíveis, aos quais se choca o *ser falante* no tratamento. Fazer o passe mobiliza o dizer que pode responder ao encontro com cada impossível que uma análise faz advir. A vida, *v.i.e.*,¹⁴ falarei dela mais tarde, faz parte destes impossíveis.

A experiência do passe revela, pela importância do seu dizer, que ela vai além do instante do passe no tratamento, a decisão de colocar em jogo este passe no testemunho é ocasionada pelo fato de que, se não há o Outro para saber no seu lugar, *não há também o Outro para o ato*.

O passe é impulsionado por uma certeza de tocar um limite, limite do simbólico, encontrado no âmago da palavra analisante, *porém um limite que paradoxalmente é uma abertura*, a que constitui a parte mais singular do inconsciente, ligada ao real, àquela que se suporta da extração da letra, mas abertura também do dizer que participa do novo entrelaçamento do inconsciente, na medida em que ele toca o real do sintoma do fim de análise. Depois, sobretudo, pelo que é o essencial, se liberta desta experiência de limites um novo desejo relativo ao saber, pois o que mudou é a relação ao Outro, este Outro que não mais detém este saber que falta ao sujeito e o furo que o altera, abre o que no saber apresenta uma parte de alteridade, que se libera sobre um fundo de castração.

Fazer o passe é esta tentativa de testemunhar os efeitos do real cujas quebras desordenaram a relação do analisante ao saber, até este efeito maior, o da destituição subjetiva. Destituição que faz a passagem, mas que não é, no entanto, ainda o que assinala o fim do tratamento.

A experiência da destituição no passe está ligada a esta verdade: que existe um real que não se transforma em saber e que destitui o sujeito suposto saber, o que faz do passe um corte, atingindo a repetição em jogo na demanda do ser que corre sob o desejo de saber. Mas esta destituição que suscita a decisão de ir testemunhar, ainda não está em condições de desfazer o par analisante-analista. Existe um resto e a sua evolução.

O que dá ao passe efetuado a dimensão conclusiva da análise é efeito *a posteriori* do testemunho, à medida que esse leva à consequência desta destituição do laço do analisante ao analista: é lá o efeito do dizer, da palavra passante dirigida aos

¹⁴ *Vie*: em francês, vida, existência

passadores, a palavra se separando do que foi sua relação amorosa com a verdade, esta verdade mentirosa em relação ao real, e que cessa de fazer da análise um projeto infinito de deciframento. “O dito não é verdadeiro a não ser que esteja na mesma dimensão da verdade”.¹⁵

O testemunho do passe procura dizer alguma coisa, este é seu ponto marcante, tocando o limite do que se pode transmitir e que faz o seu real. Todavia este real que centra a palavra do passante não é apenas impossível de dizer o que o tratamento produziu, é também aquele do entrelaçamento que vai produzir o dito com o furo no saber. Este dito do nó, Lacan nos diz que ele é “da ordem do fato”.¹⁶ É este dito do passe que refaz o nó do *falasser* a partir dos furos do real na análise, e que articula no testemunho aquelas felizes e inesquecíveis descobertas que foram os momentos do passe no tratamento. É também esta *dimensão do dito* que assegurou ao analisante, quando sua análise o levou ao passe e ele se encontrou desprovido, desesperançado, confrontado ao furo do inominável, à abertura no Outro, este “*troumatismo*”, nos diz Lacan, que se baseia no impossível da relação sexual.

Durante o testemunho, emerge a escritura desses pequenos fragmentos de saber que formaram o contorno deste real traumático, de uma maneira a cada vez inédita. “A escrita é chamada pelo que resta incompreensível na palavra”,¹⁷ nos diz Colette Soler. O passe libera o que existe de escrita singular em cada testemunho e, no entanto, valendo para outros além do passante, implica então que através desta singularidade qualquer coisa no saber analítico da estrutura seja tocada. É o que se pode escutar na transmissão ao cartel do passe pelo passador, receptivo ao dito do passante.

Que este real abordado seja aquele do furo no Outro, uma falha no saber, castração real, ou melhor, uma real obstrução do impossível, este real do fora de sentido, como destacou Colette Soler, não muda nada no fato que, por atingir a estas extremidades do tratamento, estas bordas do impossível a subjetivar, o analisante não possui outro recurso que não aquele que virá a ele do dizer, dos vazios dos ditos. A nós compete especificar esse dito que sinaliza o real no passe.

É nesse ponto que é importante situar o que foi a surpresa impressionante no tratamento, lá onde a dimensão deste saber não é o desejo que governa, é antes o horror, como nos disse Lacan. Se existe um desejo de saber que o passe pode compreender é o que resulta de uma prova ética em que este horror de saber foi enfrentado no tratamento. É de lá que o analista, por ter delimitado seus limites durante seu tratamento, poderá fazer em um outro a ele ligado o horror do ato. Se o primeiro, o horror de saber, diz respeito ao furo que faz o real do sexual, o horror do ato analítico é concernente, por ultrapassar a relação a esse lugar de *des-ser* que o analista deve reencontrar, em seu ato, que necessita um desejo específico. Esse horror está ligado ao fato que aquilo que o analista suporta em seu ato se coloca no lugar de um semblante de objeto que lhe é real.

¹⁵ J. Lacan, Seminário: *Les non dupes errant*. Inédito.

¹⁶ *Idem, ibid.*

¹⁷ C. Soler, *L'inconscient, que'est que c'est?*, Cours 2007-2008.

Para continuar nessa posição de analista, aquela do seu desejo específico, a experiência da castração que o conduziu não é apenas suficiente, porque como seria possível sustentar esta relação com o impossível real para os outros se ele não tivesse tido abertura a uma nova satisfação, ligada ao que produz novidade na palavra analisante, a partir do que não pode passar ao saber, ao que é o resto ativo? Em ligação com essa nova emoção, o que o passe pode operar no *a posteriori* do testemunho é uma outra separação, saída do luto do objeto *a* suportado pelo analista e é ele que determinará o destino desse resto, deste objeto *a*, no desejo do analista.

Uma coisa é fazer a experiência da separação com o Outro que estruturalmente falta em responder a questão do ser, outra coisa é essa transformação subjetiva que faz o analista, que o produz, pelo objeto *a*.

Não hesitar em testemunhar seu passe já é uma maneira de adotar medidas enérgicas sobre a perda, perda da consistência dada a este objeto *a*, consistência que dura muito tempo no tratamento, pois ela está ligada ao fato que este objeto *a*, pura falta, no entanto se imagina, “com o que se pode”, nos diz Lacan, “a saber com que se suga, com que se defeca, com que se disciplina o olhar, e depois, e depois a voz”.¹⁸ Essa perda no passe pode produzir separação com o analista como causa do desejo, mesmo se não é imediata. Separar é deixar essa satisfação na análise, aquela que abriga no “lá onde se fala, se goza e não se sente nada”.¹⁹

Se des-prender deste ser de satisfação torna então este objeto *a* ativo, sem essência, como objeto lógico do que causa o desejo de saber. Mas o último efeito da experiência do passe é aquele que provoca a passagem do analista ao *des-ser*: a consequência não é das menores, é aquela que pode conduzir o passante a sustentar, sendo analista, o real da psicanálise, com o resto que o anima ou que ele anima. É assim que este *des-ser*, impossível sem o desejo do analista cuja emoção é de entusiasmo após o luto, modifica a relação aos impossíveis da estrutura e aos encontros sempre contingentes com o real da vida e da psicanálise.

Estar ao nível da vida, eu já havia apresentado a ideia como efeito da passagem, desta vida na qual tem o real, quer dizer, daquilo que não tem sentido, do que existe nela de radicalmente inadmissível ao significante e que é a existência singular do sujeito.

Lacan disse ainda: este sujeito, “por que ele esta lá, de onde veio, o que faz, por que vai desaparecer, o significado é incapaz de lhe fornecer a resposta, pela importante razão que o coloca além da morte”.²⁰ A vida então, na expressão da análise, é também por uma parte o princípio do que fura o simbólico, que produz o real misterioso, e se é uma vida levada à ex-sistência, é que ela é reorientada pelo desejo de saber. Esse emerge no passe, porém possui ligação com o ato do analista no tratamento, tendo sinalizado que ele não o possuía, este saber de ser do desejo, e

¹⁸ J. Lacan, *Les non dupes errent*, op. cit.

¹⁹ J. Lacan, *Le Séminaire, Livre XX*, Encore, Paris, Seuil, 1975, p. 95.

²⁰ J. Lacan, *Le Séminaire, Livre III, Les Psychoses*, Paris, Seuil, 1981, p. 202.

sustentando o *des-ser*. Esta questão do *des-ser*, Lacan a situa no âmago do passe: “Este *des-ser* [...] é a questão de saber como o passe pode afrontá-lo”.²¹

Isso me faz retornar ao que abriu a conclusão do meu tratamento, ao seu final. Alguns meses depois do testemunho do meu passe, surgiu este sonho: “A analisante se desloca em direção a uma coluna de estilo antigo e o que atrai seu olhar é uma pequena forma no topo dela, um pequeno pássaro esculpido sobre esta coluna, e enquanto ela se aproxima dela, percebe rapidamente que está na borda do precipício. Tomada por uma vertigem, ela se agarra à coluna. Porém inesperadamente é a coluna que caindo em direção ao solo a faz cair por terra”.

Existe um equívoco no âmago desse sonho, porque, surgindo contra toda verossimilhança, o que faz a analisante cair não é o abismo do vazio, mas a queda por terra da defesa à qual ela se agarrava. O resto de sua identificação fálica encontra-se esgotada, ilusão narcisista que enfraquece, mas há também este objeto, este pássaro intrigante, que se encontra implicado na queda, uma vez que capturou seu olhar até levá-la à borda do vazio. O que escolhe é o ser de olhar que cativava a analisante, há muito tempo: desde que criança ouvia, afetuosamente, da boca de quem a segurava na foto, “Olhe, o pequeno pássaro vai partir”.

O efeito do real se destacando desse sonho separa o objeto *a* da castração imaginária pela qual a analisante se agarrava firmemente ao par analisante-analista. Se esse efeito abre para a conclusão, é confrontando ao *des-ser* do analista, no descolamento do objeto *a* com o Outro, na medida em que ele é barrado: é o que faz *des-ser* o analista que permitirá mais tarde de se separar como parceiro da experiência.

“O analista é aquele que suporta não ser nada mais que o resto, este resto da coisa caída”,²² nos diz Lacan. O fim da análise deve ser tocado por essa posição de *des-ser* a qual é destinada ao analista, e então deve produzir efeito. Se aquele que se autoriza reconduzir naquele momento por outros da investidura do sujeito suposto saber, seu passe como experiência o fará compreender que não há ato analítico que produza o suporte deste resto relacionado à queda do sujeito suposto saber.

A experiência do passe é dirigida pelo S do grande A barrado, mas ela é também governada pelo objeto *a*, esse resto no lugar do real. Ambos se situam do lado feminino das fórmulas quânticas da *sexuação*. Isto não quer dizer que o passe é mais apropriado ao dizer dos seres do sexo feminino; isso coloca o passe como experiência de um real, aquele que faz do analista sabedor do não-todo saber, em sua abertura ao hetero. Disso me veio a ideia de que poder-se-ia escrever o “a” do passe, tanto como experiência, como sendo ela mesmo, por que não, um “a” barrado, em referência àquele que toca o “a” da mulher, aquele da verdade também, cada um desses diferentes “a” que a psicanálise testa no real. Isto excluiria a construção de um modelo, justo uma maneira de situar essa experiência na qual se constata a alteridade inventiva da psicanálise.

Toulouse, le 14 janvier 2010

Tradução: Lilian Aragão

²¹ J. Lacan, *Autres écrits*, Paris, Seuil, 2001, p. 274.

²² J. Lacan, *L'Acte psychanalytique*, séminaire inédit.

Experiências de passe

Fazer o passe é falar da própria vida e sobre aquilo que a análise introduz em cada um, como mudanças, como subversões. Esse dispositivo consiste não tanto em verificar a teoria analítica sobre o fim da análise, mas em dar indicações precisas a respeito das mudanças e seus efeitos.

Nesse tempo que me foi concedido, vou evocar dois pontos a partir da experiência. O primeiro diz respeito diretamente ao cartel sob o ponto de vista de sua causação, e o segundo, que fará eco ao texto que Michel Bousseyroux apresentou no seminário do EPFCL, interrogará o saber no passe, no sentido do saber inédito, o que poderia ser chamado de passe à *lalíngua*.

A proposta nesta jornada, sem dúvida, é uma aposta arrojada. Há sempre algum “*élanque*”, retomando o termo que Lacan tomou emprestado de Philippe Sollers para manusear *lalíngua*. É o *elan* que faz *élanguer*, em consonância com *élaguage*, ou mesmo *élangage*, se é possível entender que se trata ao menos de despojar, de desnudar a linguagem do sentido até seu âmago, ou seja, até a letra e seu gozo. Como esse gozo que permanece como resultado da operação analítica é transmitido no cartel? Proponho entender isso como um efeito do afeto que os testemunhos dos passadores transmitem, porque, como vocês devem ter notado, não há fim de análise sem que o afeto seja convocado.

O mais provável — isso a experiência me mostrou — é que o passador tenha se visto tocado pelo afeto de fim do passante (satisfação, entusiasmo, depressão, leveza ou seu contrário, por exemplo) e que consiga passar este afeto ao cartel: por exemplo, um *Witz* pode provocar o riso no cartel; uma construção demasiadamente atada e desafetada pode acarretar o tédio; a depressão final pode provocar alguma tristeza, mas, ao contrário, um desejo firmado pode fazer emergir no cartel um desejo de saber. O fim da análise não é uma penalização e o sujeito pode terminar, por que não, em certo sofrimento, em uma vergonha irreduzível ou mesmo em certo horror do que foi revelado no tratamento, ou ainda, em ódio. Por que isso não geraria angústia no cartel? E por que também não a raiva frente a um testemunho irreverente ou por demais interpretativo de um passador?

Um cartel do passe não é uma reunião de sábios impávidos, que entenderiam tudo sem tropeçar, mas, ao contrário, uma estrutura em que cada membro é movido pelo desejo do analista, que, como cada um sabe, não representa um desejo puro. O afeto que ocorre no cartel não provoca necessariamente a adesão e a identificação do cartel para esse fim. E, basicamente, é o afeto do “gaio saber” que pode muito bem ser o destino fundamental do cartel, desejando saber mais sobre o que se passou de real, desatado, findo, aberto.

O gaio saber é acompanhado inevitavelmente, diria eu, de uma satisfação, pelo menos a de nomear um AE, porém, mais radicalmente, a satisfação de ter aprendido algo de novo sobre a análise: o saber inédito, saber de um só, é então um saber que é dito, que é passado. É o que faz que, por um lado, o passe possa

constatar, autenticar a passagem de analisante para analista, o que significa que a determinação da castração é efetiva, que a exploração feita na análise da vida amorosa permitiu “experimentar” o real do sexo, e que, por outro lado, permita que o passe forneça indicações sobre o destino do *sinthoma* e do gozo residual que continua aderido a ele.

Sei que se tem falado sobre a decepção do cartel e parece-me urgente dizer que isso está vinculado não tanto à qualidade dos testemunhos, embora isso seja possível, mas a uma decepção sobre a eficiência da análise e dos analistas: é verdadeiro e verificável que existe, às vezes, uma distância considerável entre o que se veicula da teoria sobre o passe e o que se espera de um passante e dos testemunhos transmissores: um testemunho confuso cujos momentos cruciais brilham pela sua ausência e que se limita a reconstruir a história, a biografia do sujeito, forçosamente decepçiona, e os passadores não são responsáveis pelo que o passante lhes diz. **Ao contrário**, há testemunhos que forçam — e aqui enfatizo que utilizo intencionalmente o verbo forçar — a admiração ou, em todo caso, a escuta do cartel, e incidem sobre a decisão e a nomeação.

Mais que uma demonstração, o testemunho pode ser uma mostração, e de quê? Dos reencontros do analisante com o real, não só na esfera sexual, mas também no campo da morte e do luto. Aprofundei nas jornadas sobre a religião, em Paris, a expressão “travessia da morte”. Eu a recordo aqui porque não há como viver e falar sem passar por essa experiência, o que implica não continuar em profunda tristeza, mas tirar proveito daquele saber.

Volto ao meu segundo ponto: o passe para *lalíngua*, ou se se preferem, “*l’enquête*” [a son-dagem] do saber inédito. *En-quête* também para referir-se ao cartel. A questão é a da aposta em comum do saber inédito. Como a invenção de um só pode vir a ter algo em comum em relação a outros, nomeadamente os membros do cartel?

A invenção está sob o comando do inconsciente real que a produz e a modifica. Parece-me que há uma tensão, ou até mesmo uma oposição, uma contradição entre a identificação ao *sinthoma* e o inconsciente real: se, por um lado, tem-se um irredutível com a identificação do *sinthoma* – gozo incurável que ajuda a viver, mas que está de alguma forma fixado – por outro lado tem-se também um irredutível, mas no sentido de rebelde, o inconsciente real que não se limita à letra que fixa o *sinthoma*.

Lacan coloca a seguinte questão: como *lalíngua* consegue se precipitar na letra? Haveria lá um *mi-s-taire*, como pude indicar em Paris, *mi-s-taire* que se vincula a um *midire* e a um *mi-dieu*²³ e que tem a vantagem de proporcionar uma indicação proveniente do inconsciente real? Este inconsciente real é o quê faz o sujeito parecer ser de um outro planeta, diferente daquele em que crê habitar: “Há um saber sem sujeito”, é sem dúvida mais difícil admitir que a fórmula “não há Outro em relação ao Outro”.

²³ NE: o autor brinca com a palavra francesa *mistaire/mi-s-taire* (mistério), donde *taire* é o verbo *tuer* (matar) conjugado, e *midire* (meio dizer) e *mi-dieu* (meio deus).

Formulo, por conseguinte, a hipótese de que o quê produz — e do quê produzirá — o inconsciente real após a análise vai mais além do que foi possível cristalizar a partir do efeito de *lalíngua* na letra do sinthoma, e da mesma forma traçar conjeturas se estes vestígios de gozo “*que porventura surjam*” possam levar a identificação ao sinthoma.

Sem dúvida que nesses casos em que se promove a nomeação, o cartel deve ser capaz de perceber por qual operação durante o tratamento o sinthoma foi reduzido a uma letra, mas sem esquecer que a esta identificação — e é bem lá um naco de viver — virão acrescentar-se os efeitos incalculáveis, imprevisíveis do inconsciente real, de um real que não deixará de bater à porta ou às janelas. Como é possível provar isso? Parece-me que se pode evidenciar o seguinte: após a análise a vida continua, e com a vida, a do inconsciente e a da linguagem.

Do mesmo modo, a doutrina do fim da análise não é fixa: é necessário lembrar que, se numa determinada época a travessia da fantasia, ou mesmo sua consolidação pôde valer como fim de análise, a identificação ao sinthoma se libera em seguida. A determinação dos efeitos de *lalíngua* que produzem o que o Sr. Bousseyroux nomeou de uma forma muito feliz “o passe poemático”, do qual poderemos discutir a distinção com o passe poético, passe poético que a meu ver testemunham igualmente o “Poordjeli” de Leclair que “*l'étrou*” de Là-quand²⁴. O *Witz* também nos coloca no caminho do inconsciente real (o lapso também), e sem dúvida o cartel pode estar especialmente atento a este saber que veiculam *Witz* ou lapsos.

Eu concludo. Proponho reter três formas de passe, aliás, não exclusivos uns dos outros: o passe do real (impossível), o passe do afeto (sinthoma) e o passe de *lalíngua* (escrita do poema que é o próprio passante).

O que é que os analistas lacanianos podem entender dando suporte às últimas proposições de Lacan, não tanto do lado da linguagem, mas de *lalíngua* e seus efeitos sobre o saber e sobre o gozo; como podem eles orientar-se sobre este “étrou-vaille poématique” que só traz solução singular ao muro da relação impossível, primeiramente, e em seguida, solução coletiva no nível do dispositivo do passe e da Escola? Não vejo melhor caminho para marcar a preferência que convém atribuir ao despertar do sonho.

Tradução: Bela Szajickberg

²⁴ *Lá-quand*, em francês é homófono de La-can.

Wunsch n° 9

Lydie GRANDET

Uma experiência que (de)passa

Tradução: Sandra Berta

Béatrice TROPIS

Passante:

Não sem Escola... Não sem passador... Não sem cartel do passe

Ir ao encontro de homens de letras, de artistas, realizar filmes, é a obra de Joël Calmettes. Gérard Garouste é seu último retrato, em *O Passador*. Filmado na intimidade de seu studio, testemunha o passador de palavras, o passador de imagens que é esse pintor. Escutar um homem de teatro, ler *Sem destino*, é vira o encontro de Imre Kertész. Não era um simples leitor, um simples mensageiro do texto literal, era um passador. Como passador, ele tinha a preocupação de trazer-nos presente o texto apagando-se como sujeito e de fazer-nos passar, de transmitir-nos a nossos ouvintes, Algo de seu encontro com o texto do escritor.

Hoje, tive a possibilidade de viver a experiência de passador, em outro campo, o da psicanálise.

Não foi só assombro, quando uma voz desconhecida ao telefone me deu a notícia que eu havia sido sorteada como passadora. Se esse anúncio se fez pela voz, me deixou sem voz. Instante surpreendente, no qual entusiasmo e angústia, simultaneamente, surgiram. Vivi isso mais intensamente por não ter sido avisada, de nenhuma maneira, por minha analista.

Não esperava essa designação, que chegou em um momento de minha análise no qual tinha o sentimento de não saber nada mais, no qual meu desejo estava em impasse. Vivía ali um período difícil na vida depois de um momento de franqueamento, de um avanço para outra coisa. Esse anúncio fez surgir de novo o momento de passe clínico, vivo, abrindo a via do desejo.

Não obstante, o temor de não estar à altura da tarefa, de não poder assumir esta responsabilidade implícita, me atravessou. Frente à angústia, à dúvida, minha primeira resposta havia sido escapular. Então, para minha grande surpresa, foi um sim decidido que surgiu. O despertar de um desejo de ouvir algo desse momento relâmpago do passe/passagem a analista e a resposta sem demora ganharam de longe à vacilação, à incerteza...

Consentir em participar nessa experiência de passador fez corte, introduziu um antes e um depois, em meu trajeto analítico. Acabou o tempo da demanda, dos ideais, acabou a busca de sentido, de um Outro do saber... Não tinha outra escolha que a de fazer frente ao saber saído da minha própria análise, de confiar em meu trajeto analítico.

É do imprevisto, do inesperado, que surge o ato. O ato de consentir à função me inscreveu em um laço outro, mais além do da transferência no tratamento. O compromisso, enodamento à Escola, à psicanálise, é um passo do íntimo ao “extimo”, um passo para o sem refúgio do tratamento.

No que se segue, darei conta do chamado e direi a alegria sentida por esse anúncio. Estava animada pelo desejo de saber em qual momento minha analista me havia colocado na lista dos passadores. Do mesmo modo, queria saber mais sobre a função do passador. Se isso “empurra ao trabalho”, isso me levaria, reforçava meu

sentimento de não estar à altura. A dúvida então me invadia. Não é senão quando soltasse esse “todo” que surpresa e invenção aparecerão.

O encontro com o passante foi um momento feito de urgência para dizer, de pressa para concluir, de certeza, de desejo, de desestabilização, de dúvida, de angústia... você acolhe uma pessoa que não lhe conhece, que você não conhece. Você acolhe um testemunho, sem saber o que vai ouvir. Vocês mesmos estão às portas de um franqueamento. Vocês ocupam um lugar incosnistente e desestabilizador, em um sem garantia. No entanto, inclusive com esse “não conhecido”, esse “não sabido”, a magia do dispositivo opera.

O que é? Se falar a alguém supõe por em função o sujeito-suposto-saber, ali, nesse dispositivo, esse pôr em função não está e, no entanto, o passante diz ao passador o mais íntimo de sua experiência de analisante, sem reserva.

O que se faz ali? O passador não está na posição de analista, nos diz Lacan. Se sustenta em seu lugar do “sem-pensar”. Acolhe sem fazer obstáculo ao testemunho do passante. Ele oferece um lugar vazio, sem “eu (*je*)”, sem juízo, sem fantasia, no qual seu imaginário está reduzido a uma pelezinha de nada, a uma pelanca (*peau de chagrin*). Não se está tampouco em posição de semelhante que compreenderia, nem de par, nem em posição de Outro para o passante, porém está em posição de ingênuo. Ingênuo no sentido de uma escuta sensível e aberta, na qual interroga, na qual é sem saber, sem querer compreender.

Do mesmo modo, há um sem regras (frequências, durações), um sem modelo, sem nenhuma identificação possível para guiá-lo em sua função de passador, sem nenhum dizer sobre o que há de se fazer e como se colocar ali.

Esse vazio não deixava de inquietar-me, a ponto de querer recobri-lo por um “todo”. Não é senão no vivo da experiência que se desvela um passo para o “não-todo”. Meus únicos pontos de engate eram meu desejo e a confiança nesse dispositivo inédito. Às vezes, me surpreendia por estar demasiado fascinada, estar cativado pelo que passava ali, pelo que se dizia ali. Às vezes, queria compreender, encontrar as respostas às minhas próprias perguntas, receber o saber que diria. Às vezes, a inquietude de não ouvir, de esquecer algo importante, vinha invadir-me e anotava tudo. Às vezes estava desestabilizada, estava no desconhecido, então tentava agarrar-me ao conhecido de um saber teórico. Às vezes me perguntava por que havia aceito essa função, em outros momentos experimentava o entusiasmo. É nesse movimento, no qual a angústia, dúvida e inibição podiam invadir-me que esquecia o trabalho de transmissão.

Foi somente uma vez, quando um passante havia acabado seu testemunho, que me autorizei a intervir, a inetrrogar, buscando algo sem saber bem o quê, estive animada por um desejo de saber.

Depois desse primeiro encontro, veio o tempo de leitura, de releitura do texto do passante. Questionava-o, interrogava-o buscando sua lógica, buscava a prova, assinalava o que não compreendia, as demandas de precisão, as articulações que ficaram obscuras.

A necessidade de um segundo encontro com o passante se impôs, então. Porém, tomar a meu cargo essa demanda, não era sem dificuldades. Pude ultrapassar

ese ponto máximo, tomando apoio na tarefa do passador, na ideia da transmissão. O passador tem o encargo de levar, de depositar, de fazer passar o testemunho do passante aos membros do cartel do passe. É responsável por isso no sentido de que tem que dar conta do que se deixou ali. Pude chamar o passante, e um segundo encontro teve lugar, trazendo esclarecimento, aprofundamento, porém, também surpresa.

Veio o tempo de elaboração daquilo que foi ouvido, da construção do testemunho. É um tempo de encontro com a solidão. Vocês não podem se apoiar em nenhum escrito, em nenhum saber. Seu ponto de partida é só o que você ouviu. Como escrevê-lo, como dizê-lo? Temia que minha construção recobrisse a lógica do dizer do passante ao mesmo tempo que me preocupava em permanecer o mais próximo do testemunho escutado e de não fazer interpretação.

Estava nesse tempo de trabalho de escrita e de reescrita quando um revez fez fratura em minha vida. Um acidente de trânsito grave me obrigou a uma imobilização total por varias semanas. Se a imobilização me colocou um tempo em desalento, a experiencia de passador me mobilizou e foi de grande apoio a meu desejo de saber.

Uma questão brotou então e que não deixou jamais de me acompanhar desde então: o que que faz o passe? Se a experiencia de passador eu a levava num íntimo, ali, o desejo de compartilhar, de dizer, foi tão vivo que pela primeira vez propus intervir nessa jornada “Experiências de passe”. Assim, durante todo ese período, trabalho de escritura e desejo de transmitir, me animaram.

Eu “retrabalhei, retranscrevi, rerepeti” todos os enunciados, tais quais, do passante, tudo que havia escutado. Queria escrever tudo para não omitir nada, registrar tudo para não perder nada. Depois desse longo e fastidioso trabalho, me dei conta de que tanto sua leitura quanto sua escrita haviam sido maçantes e não vivas.

Como escrevê-lo, então? É na sequência de um acontecimento anódino que à escrita do texto se imporá. Após “todo” trabalho ter sido concluído, eis que meu computador, ele, quebra, o disco rígido fica “hors de service”. Se havia salvo minhas notas no momento do acidente, estavam lá sem “salv guarda”. Encontrava-me na obrigação de ter que “rereretranscrever” tudo. Porém, eis que nada vai se escrever do mesmo modo. Um trabalho de redução, de depuração, de articulação, vai sendo feito sem o ter querido. Conhecia as notas, as palavras estavam na ponta da língua, ainda que delas suficientemente separada para extrair disso a partição, a chave.

Tal como um garimpeiro, separando para apanhar em minha bateia as pepitas de um dizer no rio dos enunciados. Esse texto outro que vai escrever-se, o levava como um objeto precioso, não para “salv guarda”, senão para soltá-lo.

Durante esse trabalho de construção, a data do encontro com o cartel do passe foi fixada. Não podendo reunir-me com o cartel, pelas consequências do acidente, propus outras modalidades para fazer passar o testemunho. Eu medi, então, a importância da palavra, a enunciação para o cartel do passe. A transmissão não é uma história simples de enunciados, passa pela palavra. Uma data posterior foi fixada. Se a espera antes do encontro com o cartel do passe poderia ter sido

angustiosa, foi mais leve então. Pude considerar esquecer o texto, consentir perdê-lo.

A intensidade com os membros do cartel continuará sendo um momento inesquecível. Cada membro tinha um grande respeito, com uma escuta atenta, e isso durante a transmissão. Um dos membros traduziu simultaneamente o texto (o cartel do passe é internacional), estava preocupado com a palavra, com o justo do texto. Foi nessa acolhida feita pela confiança que a dúvida e o temor, que me invadiram no tempo anterior, desapareceram. Experimentava uma certa subjetivação, que havia dado lugar a um vazio.

Inesperada surpresa. Nada se desenvolveu conforme eu havia pensado. Meu texto caiu de minhas mãos, a leitura que fazia se me empunha, o texto escapava de mim, me ultrapassava totalmente. A lógica em sua articulação se desdobrava às minhas custas. Passei o vivo do dizer do passante, o fio da experiência, sem o véu de demasiados detalhes dos quais meu texto era portador. Um desejo de transmitir, em uma preocupação pelo “bem-dizer”, era meu único fio de ouro.

Depois do encontro com o cartel do passe, experimentei um sentimento de alegria e leveza. Minha tarefa de passador estava cumprida, isso não me pertencia mais, havia passado o testemunho. Lutos se faziam, luto do testemunho, da minha transmissão, de um saber (vocês partem sem saber), mas também luto por um ideal.

Participar dessa experiência produziu imediatamente uma queda das minhas representações sobre o passe, sobre a nomeação. Sua idealização, sua sacralização, seu mistério bascularam para deixar lugar à ordem do possível.

Em troca da situação, um novo tempo em meu tratamento vai emergir. Uma nova relação do saber vai se introduzir no descobrimento de um limite, da inexistência de um todo-saber. A experiência do saber na análise, não é um saber que se acumula, senão “um saber que se contenta em começar sempre”, como escreveu Lacan, vai fazer abertura para...

Tradução: Paulo César Muniz

O julgamento do cartel

Gostaria de abordar de maneira sucinta, conforme o estilo conveniente para esta jornada, a questão dos cartéis do passe. Nós havíamos decidido manter o termo cartel, e não o de jurado para o grupo encarregado de decidir a nomeação do passante.

Essa mudança nos termos, de jurado ao de cartel, dá conta de uma intenção: não reduzir aqueles que devem avaliar os passes a uma tarefa de julgar, a qual, no entanto, é uma dimensão essencial dessa experiência. Espera-se então, uma elaboração.

Como todo trabalho de cartel, essa elaboração é o fruto de uma confrontação com os outros membros do cartel, mas a elaboração é individual. Eu estive em três cartéis constituídos por pessoas diferentes, já que quando participei nos cartéis do passe, estes estavam constituídos de uma maneira que poderíamos chamar de efêmera. Cada cartel teve que examinar três passes e o resultado foi uma nomeação de AE; então se escutaram nove passes e houve uma única nomeação de AE.

Além do mais, aproximadamente, isso corresponde à experiência dos outros cartéis do passe. É necessário deduzir que os cartéis foram particularmente exigentes, que foram elitistas, buscando a pérola analítica, o passante impossível de encontrar? É algo recorrente na experiência do passe. Digamos que o que faz surgir essa questão é a discrepância que se apresenta entre aqueles que afirmam ser candidatos à nomeação e as respostas do cartel.

Essa diferença está relacionada com a certeza, a certeza do passador não arrasta a do cartel. O postulado dos passantes seria: “Ser AE, eu o mereço”; a enunciação do cartel que concluiu com a não nomeação: “Tu não o provaste”. De fato, eu não conheci um passante que não se apresentasse com a certeza de que a análise o conduzira até o ponto em que emergiu o desejo do analista, o que além do mais é lógico, posto que alguém se apresenta ao passe para demonstrar como surgiu esse desejo. Inclusive, se tomamos o exemplo de um passante, que se apresentou ao dispositivo relativizando o fato de ser nomeada A.E. Ela se deu conta, no transcurso das entrevistas com os passadores, que tinha a certeza de que seu desejo elucidado se havia convertido em desejo do analista, ela estava então convencida de ser A.E.

Os limites do tempo me obrigam a restringir o desenvolvimento, lhes apresento então o essencial e começo por isto. O passe não pode avaliar-se matematicamente. Não se pode concluir a partir de critérios de quantidade, ou que a diferença entre a certeza do passante e a não validação que faz o cartel se deve a uma concepção errônea do cartel no que concerne à origem do julgamento. É verdade que o passe deve permanecer o mais próximo possível da experiência analítica, tal como se apresenta em um momento dado da história. Isto quer dizer que deve existir uma solidariedade no produto de uma análise, no que concerne ao

efeito de formação de um desejo; o desejo do analista e sua verificação no cartel do passe.

É então legítimo ressaltar a seguinte questão: saber se o cartel tem uma idéia do passe que corresponda ao que efetivamente ocorre nos fatos que se apresentam nas análises. É uma questão que nos temos colocado sistematicamente nos cartéis do passe em que eu participei.

Além do mais, é um fato que no momento da decisão cada membro do cartel põe em série, de maneira explícita ou não, os outros passes escutados. Sem estar desconectado da experiência efetiva, o cartel, portanto, não pode recorrer a critérios matemáticos para seu julgamento.

Portanto convém examinar a causa desta discrepância, o que supõe um debate sério sobre a ideia que se faz do passe e o que se espera dele. Diante da ausência desse debate, o que vem em seu lugar são ordens, dito de outra maneira, o passe político, o que é algo diferente de uma política para criar as melhores condições para o passe. Dou como prova disso o seguinte: dizer “é necessário deixar passar”, referindo-se a pessoas que se comprometem no dispositivo, e igualmente com respeito a aumentar o número de nomeações. Isto é uma pressão política que, além do mais, sem a avaliação da experiência se converte em uma fórmula do supereu institucional. Então me parece que há dois pontos essenciais para tratar a questão: 1. O passe é para quem? 2. Os critérios da nomeação.

Eu já o disse e o sustento: se bem o passe está aberto a todos, não é para todos e não em qualquer momento. Certamente, o secretariado do passe, no qual eu participo atualmente, não tem por função substituir o cartel do passe e julgar a priori se apresentou-se ou não o passe em tal candidato. Contando com isto, o secretariado compromete sua responsabilidade cada vez que compromete alguém no procedimento. Recordemos a respeito disso: o passe avalia uma carreira analítica ou avalia o que surge ao final e que concerne a um desejo inédito?

Para Lacan, o passe não está feito para reconhecer um percurso como analista. A partir disto, quando a demanda de passe não corresponde ao desejo de querer provar o momento em que se dá essa mudança, ela pode ser julgada como não pertinente. É claro que isto não é um prejulgamento sobre as capacidades do candidato para ocupar o lugar de analista. Isto quer dizer que há um momento para o passe e que este não deve intervir muito cedo, nem muito tarde no que concerne ao ato de autorizar-se como analista. Pode ocorrer que o secretariado perceba que uma demanda não se apresenta no momento oportuno. O que se deve fazer é dissuadir o candidato e não ratificar a demanda se assim a considera. Então a pergunta: Quem faz o passe? É essencial quando se examina a diferença entre as certezas do passante e as do cartel.

Vamos aos critérios de nomeação, então ao juízo do cartel. Já o disse, os candidatos comprometidos no dispositivo se apresentaram com a certeza de que sua análise teve como efeito a produção do desejo do analista. O que o cartel pode confirmar, em todos os casos são os efeitos terapêuticos da análise, ou seja, a elucidação do sintoma, o desaparecimento das inibições e uma mudança com relação a angústia.

Em todos os casos se confirma um benefício na maneira como se desenvolve a vida desses sujeitos. No que existe menos unanimidade é na confirmação da certeza referida a um desejo inédito.

Assim, uma passante funda a certeza de seu testemunho de passe no fato de estar segura de haver ultrapassado sua posição, a qual sempre consistiu em diferenciar uma mulher na qual sempre se pode acreditar, de outra a qual não se lhe deseja o bem. Mas, como se apresenta isso durante uma entrevista com uma passadora: “Mas finalmente percebo que você, ao contrário do outro passador, tem preconceitos com respeito a isso que é uma mulher?”, pode o cartel, passar por alto esta formulação?

Não é suficiente ter a certeza de que uma mudança ocorreu entre a entrada em análise e o momento do passe. É necessário ainda provar a causa analítica desta mudança e os índices que dão conta da mudança de posição. É necessário assinalar que quando Lacan aborda em seu texto “O aturdido” os três impossíveis que são necessários para dar por terminada uma análise, ou seja, a significação, o sentido e o impossível da proporção sexual e igualmente o luto do objeto (a) encarnado pelo analista, Lacan tenta cernir os efeitos em termos de posição subjetiva. A fórmula de Lacan é: “Com tudo isto saberá construir-se uma conduta”, e adiciona: “Há mais de uma, inclusive montões.”

Na continuação há dois exemplos que eu não comentarei, mas o ponto comum é uma conduta regulada pela castração. “Saber-se construir uma conduta” implica um saber fazer inédito enodado à pulsão. Construir-se uma conduta indica uma saída para a associação livre, para a indeterminação induzida pelo significante e constitui então a saída da falta em ser.

Coloco então que a certeza do final exige uma demonstração daquilo que em princípio regula a conduta do sujeito. Que haja um montão de condutas, seguindo o pressuposto por Lacan, indica que não há um modelo. Não há modelo, mas sim uma posição singular, diferente daquela que guiou o sujeito durante a sua existência.

A nomação como AE que nós realizamos responde a uma aposta, sobre o desejo do analista, pois se trata de alguém que começava sua prática. Com efeito, o sujeito soube convencer o cartel de que havia uma posição sem retorno com respeito a suas decisões, o que não excluía as perguntas. Estas eram intransigentes e referidas a um desejo marcado por uma renúncia ao sacrifício que a havia mantido no não saber. Seu dizer indicava uma sentida determinação para fazer frente ao desejo do Outro, que se traduziu em uma tomada de responsabilidade na causa analítica sem ceder aos efeitos sugestivos do Outro, encarnado como se apresenta algumas vezes ao final, na instituição analítica. Ela pode mostrar a causa de sua mudança: os três impossíveis produzidos pela cura e ao qual está associado o atravessamento do luto na transferência. Finalmente ela pode construir uma conduta, o que é uma prova de uma certeza que se converte em ato.

Tradução: Maria Luisa Sant'Ana

Post-scriptum

Vocês lerão neste número de *Wunsch* os textos que foram apresentados na jornada sobre o passe de 16 de janeiro em Toulouse. Vocês podem também ler o “Volume das Atas” da jornada que, além dos textos, contém o conjunto dos debates e a entrevista com Laurence Pastissier, que reproduziu o máximo possível as trocas e o ambiente dessa jornada.

De hoje até 2010, pode-se procurar essas atas nas bibliotecas dos polos do Fórum-França 4, 5, 6, 7 e 8, se endereçando aos organizadores eleitos dos polos.

Essa publicação tem a intensão de ser geradora de trocas em nossa comunidade, portanto, cada um tem a possibilidade de endereçar seus pontos de vista ou suas contribuições por e-mail, a cargo dos eleitos desses polos de as difundirem.

Trabalhos dos cartéis do passe 2008-2010

Contribuição do cartel 3

Os membros do cartel são: Florencia Farías (mais-um), Jean-Pierre Drapier, Jean-Jacques Gorog, Maria Eugenia Lisman, Colette Sepel.

O que nos convenceu

Ce qui nous a convaincus

Ainda mergulhados na experiência, nos parece importante repartir nossas primeiras reflexões como membros de um cartel do passe. É indispensável que os passes não fiquem mudos, e por essa razão que o júri diga o que pode ser dito de sua experiência, a fim de evitar que a reserva necessária seja transformada em silêncio que confina o passe no segredo enigmático — casos os quais nós fizemos do passe um ideal de Escola, e não um procedimento de pesquisa e de nomeação. O que permite a nomeação, a nosso ver, é dado por uma parte par ce qui fait défaut, ou seja, todos os que nos conduziram quase imediatamente a dizer de uma nomeação que ela é impossível. Há **uma especulação** na qual o passe passaria voluntariamente, qualquer que fosse sua forma. Entre o vazio sideral de toda posição abstrata e a retomada caricatural das teses barulhentas sobre o passe, existe, às vezes, uma certa simplicidade de anúncio, uma dimensão nos efeitos atribuídos ao analista mais convencido de um percurso efetivo.

Alors que nous sommes encore plongés dans l'expérience, il nous paraît importante de partager nos premières réflexions comme membres d'un cartel de la passe. Il est indispensable que les passes ne restent pas muettes et pour cette raison que le jury dise ce qu'il peut dire de son expérience, afin d'éviter que la réserve nécessaire soit transformée en silence qui confinerait la passe au secret énigmatique – auquel cas nous ferions de la passe un idéal d'école, et non une procédure de recherche et de nomination. Ce qui permet la nomination, à notre sens, est donné pour une part par ce qui fait défaut, c'est-à-dire tout ce qui nous conduit presque immédiatement à dire d'une nomination qu'elle est impossible. **Il y a un spectaculaire** dont la passe se passerait volontiers, quelle que soit sa forme. Entre le vide sidéral de toute position abstraite et la reprise caricaturale des thèses serinées sur la passe, il existe parfois une certaine simplicité de l'énonciation, une mesure dans les effets attribués à l'analyse plus convaincante d'un parcours effectif.

Nosso cartel nomeou no último mês de julho um analista da Escola no decurso de três testemunhos.

Notre cartel a nommé au mois de juillet dernier un analyste de l'École au décours de trois témoignages.

Algumas palavras sobre esse cartel: ele é composto por três colegas franceses, uma espanhola e uma argentina. Nós não havíamos trabalhado juntos, e alguns nem se conheciam; no mais, as diferenças de línguas apareciam como um importante obstáculo. Junte-se a isso que:

Quelques mots sur ce cartel : il est composé de trois collègues français, une espagnole et une argentine. Nous n'avions pas travaillé ensemble, et pour certains nous ne nous connaissions pas ; de plus, la différence de langues apparaissait comme un important obstacle. Ajoutons que nous n'avions pour certains qu'une connaissance lointaine des passants et pour les autres pas du tout, ce qui eut pour effet que notre attention au moins n'ait pas été influencée par un imaginaire grossi par les affinités ou les mé-connaissances. Bref, nous pouvions nourrir quelque inquiétude sur la façon dont nous fonctionnerions ensemble.

De fait, dans notre cartel une atmosphère détendue a permis que s'établisse un bon transfert de travail et que les témoignages soient transmis indépendamment des connaissances acquises au préalable et ainsi de faire face à la particularité de chaque cas, ce dont Lacan souligne la nécessité dans la conférence de Genève. Cette atmosphère a aussi permis que dans le débat chacun ait pu donner son avis avec pour résultat un accord général et une décision collective à partir de chaque décision particulière et intime. Cette nomination a donc été faite à l'unanimité, aucun d'entre nous n'ayant eu à convaincre quiconque des quatre autres. Il en a été de même pour les non-nominations, ce qui confirme que quelque chose s'imposait ; quelque chose fait « passer », ou non, malgré les différences.

Mais avons-nous tous été convaincus de et par la même chose ? Rien n'est moins sûr. Et c'est sur ce point que nous avons commencé à réfléchir pour la fabrication de ce document, dans lequel chacun donnerait séparément les raisons qui l'ont décidé à la nomination. Après avoir échangé nos avis par écrit, nous avons pu vérifier que c'étaient pratiquement les mêmes points qui s'étaient imposés à chacun de nous comme décisifs, avec il est vrai quelques nuances sur la lecture des points en question. Preuve qu'il y avait non seulement analyse mais passage à l'analyste, et que cela passait grâce (ou malgré) le filtrage des passeurs jusqu'à nous.

La singularité de chaque passe est ce que nous attendons de voir lors du déploiement de la procédure quand le jury reçoit le témoignage des passeurs : singularité de chaque passant, de chaque analyse, de chaque fin d'analyse.

Pourquoi le moment de passe n'est-il parfois pas saisi ? Ce peut être parce qu'il n'a pas eu lieu, mais aussi parce qu'un obstacle s'est opposé à la transmission. Lacan a créé ce dispositif afin que la personne, la voix, la présence ne fassent pas obstacle, que l'effet soit de discours. Mais il se peut que par l'effet de la structure, par le style, ou du passant, ou du passeur, quelque chose ne passe pas.

Le témoignage du passant permet une lecture de ce qui est arrivé dans sa cure. Lecture qui implique une réécriture de cette expérience, et comme le passant est exposé à vivre de nouveau cette expérience, fût-ce par le seul récit, il ne s'agit

pas d'une histoire congelée dans le passé. Au contraire, le dispositif permet qu'il y ait place pour l'acte et que « quelque chose passe » : dans le sens de la transmission et dans le sens de l'événement. La nomination ne vise pas l'être, ce n'est pas le moi qui est nommé, ni le sujet, ce n'est pas une reconnaissance, ce n'est pas un prix. Elle signale quelque chose du manque, du désir.

Nous avons pu confirmer l'importance du fait que les passeurs soient deux. Les témoignages diffèrent parfois, y compris dans les faits. Quelques passeurs apportent, avec le témoignage, leurs propres constructions, d'autres témoignent de façon plus spontanée et moins élaborée. La transmission peut prendre différentes modalités, y compris le lapsus, les trous de mémoire et d'autres dé-formations de l'inconscient. Certains détails très fins peuvent ne pas être saisis même si l'un ou les deux passeurs les ont mentionnés. La subjectivité opère pour tous, passeurs et membres du cartel.

Il est des témoignages où on voit à l'évidence qu'une nomination n'est pas possible, mais il y en a d'autres où la non-nomination n'implique pas qu'il n'y ait pas eu analyse, ni qu'il n'y ait pas eu de changements de position subjective, y compris une fin d'analyse, parce que le passeur n'a pas pu ou su en témoigner et qu'il n'a pas été possible de faire « passer ».

Notre cartel n'a pas été silencieux, il se permettait de poser bien des questions et parfois forçait le passeur à prendre position sur ce qu'il avait transmis. Quelques passeurs se risquaient davantage et pouvaient justifier leurs points de vue en les accompagnant de considérations théoriques. La décision ne se prend cependant pas à partir de la théorie, mais à partir du témoignage et du travail que ce dernier produit, jusqu'au moment où la décision se précipite, notamment autour de la découverte d'un point de conclusion de l'analyse tel qu'il rende compte de cette fin.

Qu'est-ce qui a été nommé ?

Qu'est-ce qui a décidé de la nomination ? Il y a la façon, et évoquer ces éléments ne fera pas non plus recette, de même que Lacan le dit du passeur, qui n'y est pas – dans la passe – ne saurait s'en prévaloir²⁵ Ce fut le récit d'un long parcours, d'un cheminement qui aurait pu être raconté sur le mode tragique tant catastrophes et morts s'y succédaient, mais qui nous était narré sans pathos sur le ton léger de la nouvelle. Il parvenait ainsi à transmettre la place certaine de ce qui fait l'inconscient telle que se marque dans un avant et un après l'analyse. Témoignage qui montrait comment un sujet a pu, par étapes successives, se déprendre de l'engluement et de la mort pour choisir enfin de façon décidée la vie. On pouvait repérer dans l'histoire deux fils chronologiques, logiques, noués, celui des péripéties de la vie et celui des péripéties transférentielles, des tours et détours pulsionnels ainsi que des moments-clés, des scansions.

²⁵ « Qui pourrait mieux que ce psychanalysant dans la passe, y authentifier ce qu'elle a de la position depressive ? Nous n'éversons là rien dont on se puisse donner les airs, si on n'y est pas. » (Proposition, A.E., p. 255.)

Un accord s'est fait jour entre les membres du cartel pour dire que ce qui a précipité la nomination a été un rêve, dont on a beaucoup débattu, dans lequel on a pu cerner une ombre qui indiquait un circuit pulsionnel. On pouvait apercevoir quelque chose à partir de là d'un virage rendant compte de l'avènement d'un nouveau désir, le désir de l'analyste. On a pu percevoir l'opacification de la pulsion et sa mise au service de la position d'analyste, mais surtout le changement de perspective, le changement de position du sujet dans ce passage à l'analyste. Percevoir cela a été ce qui a fait dire oui à la nomination, de l'ordre d'une rencontre avec « cela est ». C'était cela que le passant avait voulu faire passer et que le cartel devait saisir dans le témoignage du passant.

Bien qu'un rêve ne soit pas une passe, il y a des rêves qui en marquent le chemin. Ce rêve éclaire des pans de l'analyse, montre la position fantasmatique de la passante, indique ce sur quoi l'analyse a opéré. Difficile de l'énoncer, non pour ce qu'il toucherait à l'intime, car l'intime ici l'est trop et de ce fait même difficilement reconnaissable et attribuable à quelqu'un, qu'on pense connaître éventuellement très bien. La raison est autre, d'entraîner dans une figuration qui pousse à l'anecdote.

Un point pourtant qui concerne la langue. Un rat y figure, ce qui est bien normal, la psychanalyse comme association libre a bien commencé avec un célèbre rat, sauf qu'ici la langue impose qu'il s'agissait d'une rate. Avantage au bilinguisme forcé du cartel exigeant des éclaircissements, dans la langue du passant « rat » est au féminin quel que soit son sexe (comme souris en français), ce qui a forcé à faire préciser qu'en somme le rat en question était bel et bien une rate, détail qui n'était pas sans importance pour la lecture du rêve.

L'histoire du rêve emporte la conviction, reste à expliquer pourquoi cet élément porte un effet de vérité communicatif. Il y a un paradoxe surgi du rêve qui met en évidence l'énigme du passage – le mot passage n'est pas anodin – d'un objet pulsionnel à un autre, avec son côté « pas de sens » et par ailleurs l'effet produit non contestable de pacification. La souffrance de survivant popularisée par Cyrulnik sous le nom de résilience, pour séduisante qu'elle soit, n'en est pas moins erronée, inefficace au fond. Mais pourquoi vraiment, puisqu'en somme il y aurait bien au minimum une tentative d'historisation, de subjectivation de l'événement ? C'est que cette histoire ne tient pas compte de ce qui occupe le sujet, qu'il le veuille ou non, l'objet cause de son désir et la jouissance à laquelle il est attaché et qui refuse jusque-là de « condescendre au désir ». En revanche, il apparaît que ce qui compte est ce changement de l'objet de la pulsion, que Lacan évoque souvent mais si discrètement, notamment lors des deux seuls exemples de passe qu'il donne²⁶ 2.

L'un d'entre nous a déclaré que ce qui avait décidé sa nomination était le fait d'« être touché par la touche de réel qui se dégage de cette passe ». Malgré l'homophonie, ces deux signifiants ne renvoient pas à la même chose, bien au contraire : « être touché » a à voir avec la *tuché*, une rencontre avec le réel, tandis que

²⁶ « Ainsi de celui qui a reçu la clef du monde dans la fente de l'impubère, le psychanalyste n'a plus à attendre un regard, mais se voit devenir une voix. » (*Ibid.*, p. 254.)

« la touche » se réfère plutôt au côté impressionniste, par petites touches, hors de toute démonstration bruyante et didactique.

Il y a eu passe parce qu'un réel a été atteint, mais de ce réel seulement de petites touches peuvent être dites : forcer trop les grandes lignes rend suspect le témoignage, il l'intellectualise, le rend conforme aux attentes de la théorie, du cartel, etc. C'est en procédant par « touches » que ce témoignage « touche » au réel. Nous pouvons dire que ce réel s'est manifesté de quatre façons différentes :

1. Le rêve de la rate, par l'intermédiaire de l'analyse, permettra à la passante une transformation dans sa vie et l'introduction à une pratique de la psychanalyse, impossible auparavant ;

2. La manifestation de cette réalité pulsionnelle va avoir pour elle une incidence effective dans cette pratique avec un « changement de style ». Mettre des limites à la curiosité lui a permis de pouvoir travailler comme analyste ;

3. Ce changement est aussi corrélatif d'un autre changement réel : une pacification de sa relation à la mort. L'analyse lui a permis de se libérer de l'insupportable destin familial, famille marquée par Thanatos, et de se libérer de la pensée tourmentante que tout est déjà joué ou de la faute d'avoir obtenu quelque chose de différent dans sa vie ;

4. Ce changement implique aussi des changements dans sa vie affective et dans les relations où sa responsabilité est impliquée.

Lacan dit que la fin de l'analyse, comprise comme une traversée du fantasme, est non pas la rencontre avec le néant, mais l'occasion, enfin, de la rencontre avec ce qui fonde la pulsion. Traverser le fantasme, c'est libérer le sujet de la fixation de jouissance qui reste disponible, une jouissance pulsionnelle, et cette jouissance est justement perdue dans la rencontre ou la mauvaise rencontre avec l'autre. C'est ce qu'on appelle un lien social. Destitution du sujet, dés-être qui est effet de la chute des identifications et de l'approche de l'objet pulsionnel qui révèle le noyau insaisissable du savoir inconscient. Ce qui pour un analysant reste à la fin, après avoir traversé l'expérience, ce sont des restes, presque rien, mais il le sait et a la certitude que c'est cela. Comme le fait valoir Lacan, le dire laisse des déchets et c'est cela seulement qui peut être repris.

Ce témoignage nous montre comment l'analyse a permis au sujet de passer de ce qui est mortifère à la vie ; d'effectuer une transformation de sa souffrance dans une histoire qui peut être contée à quelqu'un et qui peut être transmise.

Próximos eventos

6º Encontro internacional dos Fóruns

2º Encontro internacional
da Escola de Psicanálise do Campo lacaniano

Tema: O mistério do corpo falante

Responsáveis pelo Encontro: **Mario Binasco e Diego Maltino**

Datas:

Sábado, 10 e domingo, 11 de julho de 2010: VI Encontro internacional da IF

Sexta-feira, 9 de julho de 2010: II Encontro de Escola

Segunda-feira, 12 de julho: As assembleias da IF e da Escola

Local: ROMA

Complesso monumentale di San Michele a Ripa Grande, Via di San Michele,
22 00153 Roma (Trastevere) – Itália

Contato:

www.champlacanian.net

e-mail: fclroma2010@gmail.com

Apresentação do tema

Por Colette Soler

“... O homem é uma doença mortal do animal...”
Kojève, *Introdução à Leitura de Hegel*, 2ª edição.

O mistério do corpo falante: a expressão vinda do Seminário *Encore (Mais, Ainda)* é própria à veia de Lacan: ela projeta o brilho de seu cristal lingüístico muito aquém dela mesma para ressaltar-se muito além.

Aquém, principalmente por se exercer numa cultura que produziu o “mistério da encarnação” e do verbo que “se fez carne”, mas também aquém de seu próprio ensino, redutor de mistério, se é que ele o fez. Pois, a operatividade reconhecida da palavra, ele soube fazê-la bascular do campo religioso em direção ao da estrutura da linguagem: lá onde o “isso fala” do inconsciente pode dar uma resposta que não seja inefável. Qual melhor lugar do que a bela cidade papal de Roma para colocá-la no banco dos réus?

Mais além, o que se perfila não é um ressaltado de uma tese já clássica, mas um novo passo de saber em direção, paradoxalmente, a um mistério ateu que extirpa da palavra sua dimensão religiosa.

Porque o que anuncia a expressão seria antes uma singular... biologia, que diz respeito a um outro real que aquele de que se ocupa as ciências da vida, um real que, entretanto, não se impõe menos à experiência e que somente a psicanálise permite ter acesso.

Se há mistério, não é o da palavra que se faz carne, mas o da carne que fala. Oscila, pois. Certamente, ela não o faria se não tivesse tomado a voz do inconsciente, como Lacan sublinha em “L’*étourdit*”,²⁷ e nesse sentido seus enigmas não são simplesmente os da vida, mas da propriedade do vivo, que se chama gozo (*jouissance*), que se distingue da questão das homeostases do organismo, o qual o biólogo ignora essencialmente, apesar dos estudos sobre a dor, e do qual o psicanalista faz seu objeto, já que são falantes.

Da “biologia freudiana”, como Lacan a nomeou, se poderia imaginar que, com seu vocabulário da vida e da morte, correspondesse às inquietações da ciência biológica, hoje muito triunfante, veja a famosa fórmula de Bichat. É, entretanto, o erro que Lacan tentava denunciar qualificando-a de... freudiana.

Nem Eros e nem Tânatos são dados da experiência, Freud mesmo os formulou assim, suas pulsões de vida e de morte são herdeiras do campo livre deixado ao pensamento analítico quando se confronta com os enigmas, estes, muito bem experimentados, da repetição no que ela comporta, ao mesmo tempo, de entropia e de insistência de gozo.

Eu digo pensamento, Lacan, em 1964, disse “mitologia” a propósito da teoria das pulsões, e acrescentou que elas não são uma remissão ao irreal, pois “é o real que elas mitificam, comumente, mitos”²⁸ — subentendido, pelo erro de não chegarem aí pelas vias da linguagem. Esse termo mitologia seria, creio eu, uma forma de elevar a dignidade epistêmica do delírio freudiano. Provavelmente, na ocasião do *Encore*, ele teria antes dito “elucubração” a fim de marcar a distância mantida do real impensável, esta distância que o termo mistério inscreve justamente na expressão “mistério do corpo falante”. Em todo caso, quer seja mitologia ou elucubração, isso deveria prevenir a aplicação sem a mediação da dita pulsão de morte freudiana, aporia conceitual se o é, aos verificáveis imediatos da clínica, e, sobretudo, confundida com a simples disposição à agressão, quer seja dirigida contra o outro ou contra si. Curiosamente, Lacan mais que Freud multiplicou as referências diretas aos registros efetivamente biológicos, ditos os enigmas da vida, (*Zoè*), longe de negligenciar o nome do simbólico ou de confundi-las com *Bios*. Sobre três pontos essencialmente: nascimento, mortalidade, e sexo. É, primeiramente, a “prematuridade do nascimento”, à qual se faz condição real, entendamos vital, da abertura à linguagem. E depois, a morte individual nas espécies se reproduzindo pelas vias do sexo, e que lhe parece duplicar do lado biológico a perda dada à linguagem. Enfim, é claro, a “bissexualidade biológica”,²⁹ macho fêmea, ela, bastante acentuada por Freud, mas que não faz nem o homem nem a mulher, e que impõe ao discurso produzir nos falantes “duas metades”, como disse em “L’*étourdit*”,³⁰ homólogo à *sex ratio* que sustenta a reprodução da vida — sob a reserva do que a ciência nos promete hoje em matéria de reprodução.

²⁷ J. Lacan, “L’*étourdit*”, *Scilicet* 4, Seuil, 1972, p. 20.

²⁸ J. Lacan, “Du Trieb de Freud”, *Ecrits*, Seuil, 1996, p. 853.

²⁹ J. Lacan, “L’*étourdit*”, *op. cit.*, p. 12 e 19.

³⁰ Idem.

A expressão “mistério do corpo falante” está, contudo, em outro nível, o que deveria surpreender tendo em vista o que precede das teses lacanianas, este “mistério” mais do corpo falante. Na medida em que a frase inteira redobra a ênfase: “o real, eu diria, (...), é o mistério do inconsciente”.³¹ Eis a última subtração do registro do Simbólico e reservado ao registro do enigma. Como uma novidade, esta decididamente é.

Poder-se-ia colocar no programa das elaborações sucessivas de Lacan, tentando pensar a tomada sobre o corpo substância do “isto fala” do inconsciente. Elas não datam do Seminário *Encore*. Seguindo principalmente as definições de pulsão, do sintoma e da relação sexual. Da pulsão que faz eco ao dizer da demanda, e pela qual “eu falo com meu corpo”, que diz o que “eu” quero e, por conseguinte, o que lhe falta. Do sintoma, “evento do corpo” no encontro das palavras com o gozo. Da relação sexual que o palavrório convoca incessantemente, mas sem jamais alcançar escrevê-la.

Mais interessante ainda do que seguir seus passos sucessivos seria ver o que se avançou radicalmente como inédito com esta expressão. Ela é solidária a todas as novidades que a cercam no texto de *Encore*. Eu lembro alguns enfoques: o inconsciente que se decifra é “elucubração”, hipotética; *lalíngua*, que não é uma estrutura, só passa à linguagem, ao “saber” falado, por sua coalescência com o gozo, segundo as contingências individuais. Daí, os enfoques trazidos pouco depois em “o inconsciente real”, encarnado, desconectado do sentido do sujeito, na redução da verdade e na promoção do termo “*parlêtre*”, sem se falar do *sinthome*. Eis, sem dúvida, o que convém desdobrar e ilustrar clinicamente, não sem tirar disto as diversas consequências do que se refere, principalmente, aos limites da visada do saber, à possibilidade da transmissão, ao passe do fim de análise e ao analista que ela requer.

28 de fevereiro de 2009.

Tradução: Rosanne Grippi. Revisão: Olympio Xavier

Comitê científico:

Ele é composto por membros de instâncias internacionais, Colégio de representantes da IF, Colégio de animação e de orientação da Escola, Colégio internacional da garantia, guardados pelas diversas zonas linguísticas e seus representantes. Ele compreende:

Os dois presidentes do Encontro:

Binasco Mario

Mautino Diego

Menès Martine (suplente)

Quatro membros do CRIF:

Fingerman Dominique (Brasil)

Lopez Lola (Espanha)

Maiocchi Maria Teresa (Itália)

Strauss Narc (França)

Quatro membros do CAOÉ:

Farias Florência (Argentina)

³¹ J. Lacan, *Encore*, Seuil, 1975, p. 118.

Wunsch nº 9

Monseny Josep (Espanha)

Quinet Antonio (Brasil)

Soler Colette (França)

Dois secretários saídos do CIG 2006-2008:

Izcovich Luis (França)

Muñoz Patrícia (Colômbia)

As Jornadas de EPFCL-Brasil/AFCL

Sobre o tema: **“O sintoma, sua política, sua clínica”**

Acontecerão em 29, 30 e 31 de outubro e 1º de novembro

Em Fortaleza, Ceará,

no Hotel Praia Centro.

Av. Monsenhor Tabosa, Praia de Iracema

Coordenação Nacional:

Sonia Alberti,

Consuelo Pereira de Almeida e

Georgina Cerquise

Coordenação Local:

Andréa Rodrigues e

Sandra Mara Nunes Dourado

Coordenação da Comissão Científica:

Lia Carneiro Silveira

Informações:

[55][21] 2286-9225 / telefax [55][21] 2537-1786

E-mail: fcrlj@fcclrio.org.br informações

com *Célia da Silva*

Editorial	1
O Primeiro Encontro de Escola	
1. Incidência do passe nas análises	
1ª sequência	
Jacques Adam, <i>Deixar passar</i>	2
Silvia Fontes Franco, <i>O passe não é o que se espera</i>	5
2ª sequência	
Michel Bousseyroux, <i>Passe e fim pelo nó</i>	8
Trinidad Sanchez-Biezma de Lander, <i>O passe : um passo para a transmissão</i>	10
2. Como se nomeia um AE?	
1ª sequência	
Antonio Quinet, <i>A variedade do passe</i>	14
Colette Soler, <i>As condições do ato, como reconhecê-las?</i>	18
2ª sequência	
Sol Aparicio, <i>A ignorância dos cartéis</i>	21
Gabriel Lombardi, <i>Rumo a um dispositivo do passe efetivamente praticável</i>	24
3. A Escola, condição de possibilidade do funcionamento do passe	
1ª sequência	
Mario Binasco, <i>Para dar satisfação, uma Escola do passe</i>	28
Gladys Mattalia, <i>A Escola: campo de possibilidades, construção de um saber sobre a impossibilidade</i>	32
2ª sequência	
Jose Monseny, <i>De a-escola a A Escola e retorno</i>	36
Marc Strauss, <i>O saber suposto na Escola</i>	40
4. Repercussões dos ensinamentos (dos Fóruns e dos Colégios clínicos) sobre a Escola	
1ª sequência	
Sidi Askofaré, <i>Ensinamentos da psicanálise. Quais visadas? Quais efeitos?</i>	43
Sonia Alberti, <i>Como a Escola orienta o ensino da psicanálise na Universidade?</i>	56
2ª sequência	
Colette Chouraqui-Sepel, <i>Uma escola, não sem clínica</i>	49
Vera Polo, <i>A Escola moebiana</i>	51
Trabalhos dos cartéis do passe 2008-2010	
Primeira contribuição do cartel 1	
Colette Soler, 2 de janeiro de 2010, <i>As satisfações de passes?</i>	54
Réplicas	
Sol Aparicio, 9 de janeiro de 2010	56
Martine Menès, 11 de janeiro de 2010	57
Antonio Quinet, 14 de janeiro de 2010	58
Pep Monseny, 19 de janeiro de 2010	58
Jacques Adam, 19 de janeiro de 2010	59
Contribuição do cartel 2	
Clotilde Pascual, <i>Cada passante encontra sua solução</i>	60
Réplicas	
Michel Bousseyroux, 24 de janeiro de 2010	63
Danièle Silvestre	64
Trinidad Sanchez-Biezma de Lander, janeiro de 2010	65
Sidi Askofaré	66
Próximos eventos	67

Wunsch 8 foi editado pelo CAOE 2008-2010

composto por :

Florencia FARIAS

Jose MONSENY

Antonio QUINET

Colette SOLER

Edição brasileira: Rosanne Grippi